

DM
MESQ.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**CURSO DE MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E
PSICOLOGIA CLÍNICA**

Um Verme Enamorado por uma Estrela

***Um estudo sobre relações amorosas em que o
investimento no objecto visa o ganho narcísico***

Um trabalho de Isabel Mesquita sob orientação
do Prof. Doutor Eduardo Sá.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1998



Centro de Documentação do I.S.P.A.

Telef. 881 17 00

Reg. 11680

C.

Um agradecimento muito especial ao **Prof. Doutor Eduardo Sá**, pela sua agradável disponibilidade e pelo respeito que demonstrou, ao longo desta orientação, pelo trabalho realizado; adoptando sempre uma postura incentivadora e de valorização.

Um agradecimento especial aos que entenderam as minhas "ausências" e compreenderam a necessidade de dedicação a este trabalho.

ÍNDICE

páginas

Introdução.....	1 - 10
Parte I o conceito de narcisismo na obra de Freud	11 - 28
Parte II O conceito de narcisismo depois de Freud.....	29 - 48
Parte III Relações amorosas e narcisismo.....	49 - 108
Parte IV De Verme a Estrela: análise de um caso.....	109 - 117
Considerações finais.....	118 - 120
Bibliografia.....	121 - 132

INTRODUÇÃO

O tema que é objecto de estudo deste trabalho pode ser visto como uma faceta do acontecer humano, que já havia sido estudada pela literatura e pela mitologia e para o qual a psicanálise volta o seu interesse no final do séc. XIX.

O Narcisismo constitui um dos conceitos polémicos do pensamento psicanalítico. Tem sido visto como uma estrutura permanente em todo o ser humano, como um estágio, uma função, um sistema ...

O termo Narcisismo parece ter sido introduzido por Paul Nacke em 1899, (J. Milheiro, 1990) para comentar os pontos de vista de Havelock Ellis que, em 1898, descrevera um comportamento perverso consistindo no amor exclusivo a si mesmo, tal como Narciso na Mitologia Grega.

Os aspectos essenciais do narcisismo tinham já sido referidos por Ellis, nomeadamente o seu carácter totalitário, o facto de se situar para além do gozo sexual localizado, auto erótico: o narcisismo caracterizar-se-ia pela "tendência (...) das emoções sexuais a serem absorvidas às vezes inteiramente perdidas na admiração de si mesmo" (Laplanche, 1985)

Em 1908, no Círculo de Psicanálise de Viena, o Psicanalista Sadger propôs para a linguagem psicanalítica o termo Narcisismo para designar o amor por si próprio na escolha de objecto dos homossexuais. Contudo, ao contrário de

H. Ellis, Sadger considerara que o Narcisismo podia ser visto como um estado normal de evolução psicosexual em todo o ser humano.

No mesmo ano, Karl Abraham, ao fazer um estudo sobre a esquizofrenia descreveu um estado em que o doente retira a sua libido dos objectos para a fazer voltar a si mesmo, passando a ser o próprio o objecto sexual, havendo um desinvestimento no objecto (Mancia, 1990).

Em 1911, O. Rank, (citado por Trechera, 1996) descreve o narcisismo como uma condição patológica que manifesta uma homossexualidade latente, ao elaborar um estudo sobre o narcisismo feminino.

Dois anos mais tarde, em 1913, E. Jones embora não falando directamente do narcisismo, descreve indivíduos que enquadra numa sintomatologia que designa "Complexo de Deus" caracterizado pela excessiva admiração de si próprio, grande confiança nos seus poderes apresentando fantasias de onipotência e um exagerado desejo de receber elogios e admiração. De acordo com Akhtar (1989) esta poderia corresponder a uma primeira descrição do transtorno narcísico de personalidade.

Apesar de já existirem algumas descrições sobre o Narcisismo, é apenas em 1925 que com Waelder é apresentado um caso clínico de um indivíduo com personalidade narcísica (Trechera, 1996).

Este tema tem recebido actualmente cada vez mais atenção por parte dos Psicanalistas e Psicólogos. O Instituto de Psicanálise de Chicago elaborou um índice bibliográfico sobre a literatura psicanalítica entre 1970 e 1976 tendo encontrado 306 referências sobre o narcisismo, no entanto só em 1977 foi possível encontrar já 100 publicações sobre esta área temática (Trechera, 1996).

Também na recompilação bibliográfica do Psychological Abstracts se tem verificado um incremento considerável das referências ao tema narcisismo.

Dada a pluralidade e riqueza das perspectivas teóricas de que dispomos actualmente, e uma vez que o narcisismo permanece um tema complexo, o propósito deste trabalho consiste na abordagem das relações amorosas dentro da temática do narcisismo, examinando simultaneamente a vertente estruturante das relações narcísicas precoces. Assim, é objectivo deste trabalho a compreensão do narcisismo através da relação com o outro, no sentido de esclarecer a sua posição deste dentro de um quadro nosológico.

O narcisismo tem sido visto como mais do que depressão, menos que psicose, próximo do limite, é, considera-se, uma tentativa de restauração da auto-estima, procura de fuga á depressão que embora muitas vezes pareça recorrer a mecanismos esquizóides, estes servem uma função diferente na psicose ou na patologia borderline. Tentaremos defender que o narcisismo deverá ser encarado como uma depressão, Depressão de inferioridade segundo F. Pasche (1963) ou Depressão narcísica de acordo com C. Matos (1980). Considera-se que a escolha objectal do tipo narcísico corresponde a um tipo de escolha mais

característica do indivíduo deprimido e que não é mais que uma tentativa de alteração da representação desvalida que tem de si utilizando, como tal, o objecto como intermediário.

Com efeito, o presente trabalho encontra-se estruturado em cinco partes. A primeira constitui uma leve reflexão sobre a teorização que Freud elaborou acerca do conceito. Trata-se de um estudo pleno de flutuações não sendo, por isso, fácil uma exposição clara e sucinta.

Freud, inicialmente, utilizava conceito de narcisismo apenas em referência á homossexualidade, sendo depois estendido á psicose. Posteriormente, o conceito é enquadrado na teoria da libido passando, o narcisismo, a ser encarado como uma etapa normal do desenvolvimento do ser humano.

Freud introduz, em seguida, os conceitos de narcisismo primário e secundário, embora com a permanente dificuldade em enquadrar o narcisismo primário (anobjectal) na concepção do narcisismo como investimento libidinal do Ego.

Com a obra de 1914, "Introdução ao estudo do Narcisismo", este passa a ser visto como um complemento libidinal do egoísmo dos instintos de autoconservação, surgindo a metáfora da ameba que emite pseudópodes, representando, pictoricamente, o investimento de libido no Ego e só posteriormente enviada aos objectos externos, resultando a oposição entre libido objectal e libido do Eu.

Embora inconstante, o estudo de Freud representa um marco importante para o estudo do tema tendo lançado as bases para uma investigação que actualmente o transcende, pelo que optámos por inseri-lo neste trabalho.

Após os estudos de Freud, vão-se aprofundando os conhecimentos acerca do tema, embora seguindo diferentes destinos. De facto, falar de narcisismo primário e secundário representa por um lado, colocar em causa as tópicas Freudianas e por outro, explorar a quase totalidade do campo psicanalítico, desde o normal ao patológico, numa travessia plena de problemas: a oposição dos instintos, do auto-erotismo, da natureza da libido, do Eu, do Ideal do Eu, do Super-Eu, da génese e das vicissitudes das relações objectais.

O próprio conceito de narcisismo primário é fonte de problemas. Não parece ser possível falar de um amor ao Eu sem que haja um sentimento de Eu. Não parece ser possível um investimento dessa unidade senão, primeiramente, pela mãe (ou substituto maternal). É com Balint (1949) que surge a ideia de existência de um amor primário em vez de um narcisismo primário.

Com a teoria das relações objectais, o conceito de narcisismo vai ganhando uma nova forma, a concepção pulsional do narcisismo começa a fazer pouco sentido. Assim, optámos por, na segunda parte deste trabalho, inserir uma breve revisão teórica sobre as concepções acerca do tema, que se seguiram às ideias de Freud e que corroboram a nossa ideia de que o narcisismo se constrói na intersubjectividade.

A noção de objecto estava já presente nas ideias de Freud quando este descreve o objecto como um meio para a gratificação dos instintos. Assim, examinou as relações de objecto, primeiro em relação com a expressão do impulso não tentando, no entanto, descrever uma progressão desenvolvimentista de relações de objecto, em evolução independente dos impulsos. Mas, a introdução da teoria estrutural, por Freud, fez surgir o interesse pelo papel do objecto na formação da estrutura psíquica, o que conduziu a um aumento dos estudos sobre os bebés e a primeira infância.

M. Klein apresenta uma contribuição pioneira para a teoria das relações de objecto. A partir das observações que efectuou com crianças, demonstrou a importância das relações objectais para o emergir e o desenvolver da psicopatologia.

Também A. Freud (1942) (citado por Tyson e Tyson, 1993), considerou que o bebé é governado por sensações de necessidades, nos primeiros meses de vida colocando-se numa posição de captante do amor, e para quem a mãe desempenha o papel principal na satisfação dessas necessidades.

Balint (1968) vem chamar a atenção para a importância da díade, referindo que as rupturas na relação inicial com a mãe originavam estados patológicos. Os conceitos de Hartman (1939) de "meio expectável" ou o de Winnicott de "mãe suficientemente boa" reflectem o interesse no desenvolvimento precoce e o

reconhecimento da importância da mãe para um desenvolvimento emocional adequado.

Muitos autores assinalaram que o diálogo inicial estabelecido entre a mãe e o bebê através do olhar, no qual o bebê se reconhece no olhar de adoração e orgulho da mãe, fornece as origens da competência e do sentimento de estima pelo próprio. Winnicott descreve o papel vital do "espelhar" desempenhado pela mãe, o sentimento de alegria e orgulho manifestado pela mãe que olha para o seu filho constituem a base para os sentimentos de bem estar e de segurança para o bebê.

Do mesmo modo, M. Mahler (citado por M. White, 1977) sustenta que uma importante fonte de libido narcísica e a quantidade de libidinização do Self depende do reforço narcísico precoce, dependendo as reservas narcísicas da criança, de uma maternalização adequada.

Acentua-se, assim, a importância do processo de narcização facultado pelo investimento do objecto. Passa-se, então, a considerar que o objecto desempenha um papel importante no processo de construção de uma imagem valorizada que o indivíduo tem de si. É um objecto com uma função narcisante.

Quando esta função falha, quando ocorre uma falência deste processo, organiza-se, no indivíduo, um sentimento de vazio, uma insuficiência narcísica que, futuramente, terá de ser alterado a todo o custo.

Não amado e não reconhecido no seu valor, o indivíduo passa adoptar condutas de compensação que possibilitem o disfarce da imagem de inermidade que tem de si próprio. Passa, então, a rodear-se de objectos que lhe conferem a ilusão mágica de “Eu sou o que tenho”, possibilitando a criação de estratégias de sedução que serão tanto mais eficazes quanto maior a posse de objectos fascinantes. O indivíduo sente que para afirmar o seu Eu necessita compulsivamente de possuir e ganhar poder. Num exibicionismo contínuo de objectos que permitam a ilusão de unicidade e exclusividade acrescentando ao próprio o sentimento de que é importante.

Deste modo, a terceira parte deste trabalho consiste numa tentativa de encarar a relação amorosa, em que o investimento no objecto apenas visa o ganho narcísico, como um recurso á reparação da falha narcísica existente.

Tentou-se, através deste estudo, entender como se enquadra o narcisismo dentro da dinâmica das relações amorosas, negando o pressuposto de que o narcísico é um idiólatra, mas sim partindo da ideia de que é alguém que procura através da ligação ao objecto, um auto-reconhecimento e a aquisição de um sentimento de existência primorosa, não conseguida na ligação ao objecto príncipe.

Considera-se que o narcísico tem uma imagem desvalida de si, procurando na ligação ao outro atingir a identificação ao Ideal do Eu, não investindo o objecto, mas sim a imagem grandiosa que julga poder obter através da ligação a esse. A ligação ao objecto processa-se de modo maníaco,

evidenciando uma tríade de sentimentos: controle, desprezo e poder, permitindo que o indivíduo se coloque numa posição de destaque, eliminando a inveja e a competição.

A ligação ao outro passa a ser regida pela finalidade essencial: a de brilhar mais que o outro e poder conquistar a admiração, de modo a conseguir exibir uma falsa auto-estima que permita um viver que, sendo espectacular, vai impedindo a queda na depressão.

O lema do narcísico parece ser : “ To love my Self enough so that I do not need another to make me happy”, para isso passa a confundir amor com admiração, surge o culto do corpo, a procura de adornos que conferem ao próprio um sentimento de que é admirado e desejado pelo seu próximo. Trata-se de uma fixação em prazeres do tipo anal (que permitem a ilusão de se estar integrado numa sociedade industrializada), os quais conduzem ao aparecimento de alterações do tipo obsessivo, preocupações excessivas com a acumulação de dinheiro, perversões sexuais, etc. (P. Luzes, 1983).

Interrogamo-nos sobre se o caminho é “em busca de um Eu perdido” ou se, pelo contrário, se procura cada vez mais construir um pseudo-Eu que possibilite o esconderijo do Eu desvalido e infeliz; através de tentativas insanas de insuflar a auto-estima, desembocando num comportamento estranho de sedução compulsiva e da transformação da sexualidade em admiração.

O indivíduo entra num ciclo escravizante de Sísifo em que após conseguir um objecto terá de ir em busca de um outro pois a busca resultou numa insatisfação. Os objectos são procurados como "objectos transformacionais" (C. Bollas, 1978) em que o indivíduo julga que a sua posse conduzirá a uma modificação do seu Eu.

A quarta parte deste trabalho consiste na análise de um caso onde é evidente o modo como o sentimento de vergonha e a insuficiência narcísica desembocam na retracção, possibilitando ao paciente a ilusão de fusão com o Ideal do Eu e uma consequente transformação num Eu Ideal.

Por último, a parte final deste trabalho resume-se a um conjunto de breves conclusões que consistem numa tentativa de aclarar as ideias que foram sendo explicitadas ao longo do trabalho.

PARTE I

O CONCEITO DE NARCISISMO NA OBRA DE FREUD



O conceito de narcisismo, uma vez introduzido, veio modificar por completo a teoria das pulsões e actualmente interfere de modo muito directo, tanto no conceito de objecto como no das instâncias psíquicas Eu e Super-Eu (W. Baranger, 1980).

Andre Green (1993) considera que o narcisismo constitui um parentesis no pensamento de Freud. Sendo a sexualidade um marco fundamental da sua teoria, experimentou várias mudanças ao longo dos anos. Antes do narcisismo foram as pulsões de autoconservação e posteriormente as pulsões de morte. No espaço entre a primeira e a última teoria das pulsões, o narcisismo surge como um resultado da libidinização das pulsões egóicas que até aqui se considerava que estavam empenhadas na autoconservação.

O conceito de narcisismo em Freud vai sofrendo ao longo da sua teorização grandes transformações, não seguindo uma linha de desenvolvimento recta, mas oscilante, com inúmeros recuos bem como mudanças de sentido, pois ora era o Ego ora o Id o grande reservatório de libido narcísica.

Fala-se mesmo do carácter polisémico do conceito de narcisismo em Freud (Friedman, 1988; Begoin, 1991; Bleichmar, 1985; Guillem et al, 1991).

Laplanche (1985) refere que a tese de Freud sobre o narcisismo se sustenta em três posições: O narcisismo é um investimento libidinal de si, o qual passa necessariamente no homem por um investimento libidinal do ego. Por fim,

o investimento libidinal do ego é inseparável da própria constituição do ego Humano.

Toda a indefinição em Freud acerca do conceito gerou posteriormente um sem número de confusões que Pulver (1970) chegou mesmo a propor a abolição do termo.

A necessidade de Freud introduzir o conceito de Narcisismo fica a dever-se ao estudo que o autor elaborou sobre a homossexualidade incluído na obra "Estudo da Infância de Leonardo da Vinci".

Freud utilizou pela primeira vez o termo em 10 de Novembro de 1909 na Sociedade Psicanalítica de Viena para defender que o narcisismo constituía uma etapa intermediária entre o autoerotismo e o aloerotismo (Jones, 1955). Contudo, oficialmente foi em 1910 que Freud utilizou o termo, numa nota sobre os "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade".

A primeira ideia de Freud parece ter sido a da existência de um autoerotismo a qual surge numa carta a Fliess, no ano de 1899, e á qual volta em 1910, que serve para descrever um estágio sexual no qual o indivíduo renuncia a um fim psicosexual externo e procura só uma gratificação local, por oposição ao aloerotismo (que se dirige ao outro) (W. Baranger, 1980).

"Como nesta primeira fase da vida sexual infantil a satisfação obtém-se do próprio corpo do sujeito, e os objectos exteriores não são tomados em

consideração, chamamos a esta fase (segundo o termo cunhado por H.Ellis) a de autoerotismo" (W. Baranger, 1980, p. 27).

As ideias de Freud sobre o autoerotismo são muito ambíguas. Por um lado, autoerotismo é concebido como uma fase da evolução libidinal, anterior ao narcisismo. Assim, o instinto seria autoerótico uma vez que encontraria satisfação no próprio corpo, sem se dirigir aos objectos.

Da citação anterior, poder-se-ia pressupor que o autoerotismo corresponderia a uma fase em que o objecto não é tomado em consideração, embora não implicando necessariamente que o autoerotismo surja antes de qualquer relação com o objecto.

O autoerotismo era então o estágio inicial da libido. Corresponderia a um estado inicial da pulsão sexual, ainda fragmentada em várias pulsões parciais.

Na obra de 1910 (Estudo da vida de Leonardo da Vinci) e com o caso clínico do Presidente Schreber (1911), Freud refere-se a um estágio de desenvolvimento da libido pela qual esta passa no seu caminho desde o autoerotismo até ao amor objectal e ao qual dá o nome de narcisismo. Aqui, o Eu é então tomado como objecto de amor, embora não se perceba como se dá a sua formação.

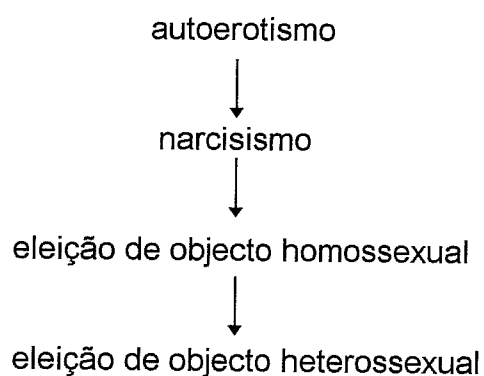
" Estudos recentes chamaram a nossa atenção sobre um estágio da história evolutiva da libido, estágio que atravessa no seu caminho que vai

do autoerotismo ao amor de objecto. A este estágio chamamos Narcisismo." (Morales et al, 1984, pág. 511).

O narcisismo permitiria a unificação das pulsões sexuais que já estavam autoeroticamente agentes, ainda que de modo parcial, para as dirigir ao próprio corpo "as pulsões sexuais até então isoladas reuniram-se numa unidade e simultaneamente acharam um objecto" (Laplanche e Pontalis, 1970, p. 81).

No que respeita á homossexualidade esta ocorreria quando, numa fase de transição entre o autoerotismo e o amor objectal, a libido permaneceria numa posição de qualidade narcísica (Mancia, 1990; Trechera, 1996).

É possível perceber que no pensamento de Freud, nesta altura, a evolução sexual ocorreria em quatro fases:



Assim, o estado narcísico seria inevitável ao longo do desenvolvimento (W. Baranger, 1980; Trechera, 1996).

Esta ideia é retomada na obra "Totem e Tabu" (1913), onde o autor afirma que é indispensável intercalar entre o autoerotismo e o amor objectal um outro estágio.

"Ao avançarmos nos estudos, demonstrou ser adequado e indispensável intercalar entre estes dois estádios (autoerotismo e amor objectal) um terceiro, ou se se quiser, decompor em dois o primeiro, o autoerotismo. Chamamos narcisismo a esta nova etapa" (Morales, 1984, pág. 512).

Contudo, o autoerotismo é, por outro lado, concebido por Freud como um tipo de conduta característica do narcisismo. Na obra "Instintos e seus Destinos" (1915), Freud vai considerar o narcisismo como uma etapa de desenvolvimento do Eu em que a forma de conseguir satisfação é através do autoerotismo. No entanto, de acordo com S. Lebovici (1965), este texto contém as mais preciosas referências ao estudo do narcisismo.

Todavia, as ideias de Freud não são muito claras pois embora se considere a distinção entre a fase erótica e o narcisismo, a ideia vai esbater-se na medida em que o autor vai considerar o autoerotismo como "actividade sexual da fase narcísica de organização libidinal" (Laplanche e Pontalis, 1970; p. 81).

Como verificamos as ideias de Freud não têm um percurso linear pelo que, de acordo com diversos autores (Baranger, 1980; Morales, 1984, Guillem et al, 1991; Mancia, 1990; Trechera, 1996) optamos por considerar a existência de várias etapas no desenvolvimento do conceito de narcisismo em Freud. Definimos, assim, três fases: A Elaboração do conceito de narcisismo (1909-1914), o Desenvolvimento do conceito (1914-1920), e a Evolução final (1920-ss).

1ª fase- Elaboração do conceito de narcisismo (1909-1914).

A ideia de narcisismo em Freud aparece associada a fenómenos tais como a homossexualidade e a psicose.

Na segunda edição da obra "Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", numa nota acrescentada ao capítulo sobre a escolha do objecto nos homossexuais, Freud refere que estes passam, nos primeiros anos da sua infância, por uma fase de intensa fixação em relação á mãe e que depois desta fase heterossexual "identificam-se com uma mulher e tomam-se a si mesmo como objecto sexual" (M. Mancia, 1990, p.12).

Esta ligação á homossexualidade aparece também na obra "Recordação da infância de Leonardo da Vinci" (1910). Freud sustentava que o rapaz reprimia o amor pela sua mãe, pondo-se no lugar dela pelo que, seria segundo a sua própria pessoa, o modelo sobre o qual elege novos objectos de amor. Assim, procurava os seus objectos de amor, pela via do narcisismo.

Com o "Caso clínico do Presidente Schreber" (1911), Freud vai relacionar com o narcisismo, a megalomania e a falta de interesse pelo mundo externo, a partir dos seus estudos sobre a psicose na qual, segundo o autor, há um desinteresse pela realidade em favor de um retorno a si próprio.

"A libido retirada do mundo exterior regressou ao Eu, surgindo assim um estado ao qual podemos dar o nome de narcisismo. Mas a mesma megalomania não é algo novo, como já sabemos, é a intensificação e a concretização de um estado que já existiu, circunstância que nos leva a considerar o narcisismo, (...), como um narcisismo secundário..."

(Trechera, 1996 p. 45).

Daqui sobressai a ideia de Freud de que a megalomania conduz a um voltar sobre si mesmo, ignorando a realidade externa, o que conduz a uma recordação sobre o estágio anterior de onipotência infantil onde a criança era o centro do universo.

É, contudo, diferente em relação ao estudo sobre Leonardo e ao caso Schreber, a aproximação ao tema narcisismo em "Totem e Tabu" (1913). Aqui, Freud introduz o conceito de onipotência do pensamento partindo da evolução do conceito humano de universo, caracterizado pela fase animista cuja característica principal é a onipotência do pensamento. Pela primeira vez associa o narcisismo á onipotência.

Segunda fase: Desenvolvimento do conceito (1914-1920).

A obra “Introdução ao Narcisismo” (1914), representa uma ponte no pensamento de Freud, sendo a base de futuros desenvolvimentos na teoria estrutural, dirigindo a atenção para estados iniciais do Ego e do seu desenvolvimento. Eisnitz (1969) sustenta que esta obra constitui um estímulo para o estudo das relações de objecto, e o desenvolvimento da distinção entre Self e não-Self.

É com a obra “Introdução ao Narcisismo” (1914) que Freud insere o termo no seio da teoria psicanalítica. Trata-se de um texto fundamental sendo difícil, no entanto, a elaboração de um resumo claro e sucinto.

Freud vai alterar a sua primeira ideia segundo a qual o narcisismo estava ligado á perversão, passando a considerá-lo como um fenómeno que ocupa um lugar no desenvolvimento sexual normal de todo o indivíduo. (P. Dessuant, 1992). O narcisismo passa a ser considerado como uma fase entre o autoerotismo e o amor objectal. O narcisismo é agora definido como o suplemento libidinal para o egoísmo do instinto de autoconservação (O. Fialho, 1984; Trechera, 1996). Contudo, esta formulação vem trazer problemas para a teoria dual dos instintos (O. Fialho, 1984 ; A. Green, 1993).

Nesta obra Freud, vai debruçar-se mais a fundo sobre os destinos do narcisismo primário.

"Na megalomania a libido que foi retirada do mundo exterior é dirigida ao Eu, e aí suscita uma atitude a que poderíamos chamar narcisismo (...) Ela conduz-nos a considerar o narcisismo que surge no retraimento das cargas de objecto como um narcisismo secundário sobreposto a um narcisismo primário (...)" (W. Baranger, 1980, p. 31).

Foram aqui lançadas as bases para uma teoria da libido que se irá integrar com a teoria dos instintos (Mancia, 1990).

O interesse de Freud pela esquizofrenia conduziu a que explorasse o conceito de narcisismo. As formulações Freudianas mais abrangentes relativamente á psicose derivam do estudo que Freud efectuou sobre o Presidente Schreber através da leitura das memórias do paciente (O. Fialho, 1984). Assim, considera que os esquizofrénicos se caracterizam essencialmente pela sua megalomania e afastamento da realidade. Em termos libidinais considera que a libido é retirada do mundo externo e retornada ao Eu, o que irá constituir o narcisismo que permitiria explicar a megalomania do esquizofrénico.

É, então, que para explicar esta modalidade de investimento, Freud introduz o modelo da ameba que corresponde a uma descrição pictórica de como a libido procura os objectos e depois retorna ao Eu. Representando o Eu-recipiente da libido que emite pseudópodes, i.é; que permite á libido investir no mundo objectal. (Mancia, 1990).

A libido é então concebida num sentido monista regulada pelo princípio da constância de energia: se aumenta a libido do Eu, diminui a libido a investir nos objectos e inversamente.

A diferenciação da energia libidinal do Eu (indiferenciável no início da vida pois, contém energia sexual e energia ligada aos instintos do Eu) surge quando se inicia o investimento objectal, dando origem á distinção entre libido do Eu e libido objectal.

"O indivíduo conduz efectivamente, uma vida dupla como um fim em si mesmo e como elo de uma corrente de que é instrumento. Considera a sexualidade como um dos seus próprios fins; mas, de um outro ponto de vista ele próprio não é mais do que um apêndice do seu plasma germinal, á disposição do qual coloca as próprias forças em troca de um prémio de prazer.(...) A diferenciação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu serviria apenas para reflectir esta dupla função do indivíduo". (Mancia, 1990, p. 17)

Aqui reinscreve-se a teoria pulsional. A dialéctica passa a ser libido do Eu - libido objectal, sendo o objecto quem marca a diferença entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação (Morales et al, 1984).

É também na obra de 1914, que Freud se refere ao narcisismo como um traço predominante não só na esquizofrenia, perversão e homossexualidade mas também, na doença orgânica, no sono e na hipocondria. Assim, de acordo com o

autor, a doença orgânica seria responsável, devido ao sofrimento que causa, pelo desvio do interesse do doente em negligência pelos seus objectos de amor. Há neste caso uma necessidade de que toda a energia libidinal se disponibilize para a sua autoconservação. De modo semelhante, o hipocondríaco retira o seu interesse do mundo exterior e vai concentrá-lo, de modo quase permanente, no órgão que o preocupa, só que nestes casos não há sinais de doença orgânica.

Durante o sono normal, a libido abandona as posições que ocupa durante a vigília e volta aquele que dorme. A regressão durante o sono vai até ao restabelecimento do narcisismo primário e reproduz o estado de beatitude que o feto vivenciou no útero. (P. Dessuant, 1992).

A partir daqui, Freud começa a oferecer um novo enfoque sobre a teoria do narcisismo. De acordo com Laplanche (1985) Freud faz, nesta altura, uma análise mais aprofundada da escolha do objecto o que constitui uma das contribuições mais fecundas da obra "Introdução ao Narcisismo".

Freud vai, então, descrever os modos como os sujeitos se fixam num ou noutro parceiro; de um modo narcísico ou por apoio. Na relação anaclítica (por apoio) há uma relação de dependência do objecto investido. A escolha narcísica do objecto diferencia-se da escolha por apoio (anaclítica) na medida em que o objecto é escolhido a partir do modelo do próprio i.é; do modelo do Eu. Freud apresenta uma série de escolhas narcísicas possíveis: escolha feita não somente á imagem daquilo que se é actualmente mas também, daquilo que se foi ou do que se desejaria ser (Laplanche, 1985). De acordo com O. Fialho (1984)

Freud considerou que o tipo anaclítico corresponderia a uma escolha de objecto masculina ao passo que o tipo de escolha objectal feminina seria de tipo narcísico.

Na terceira parte desta obra, Freud confronta-se com dois temas importantes: o destino da megalomania do bebé e a auto-estima. Introduce o conceito de Ideal do Eu que, em 1923, se transformará em Super-Eu (Mancia, 1990).

O autor considera, aqui, uma estreita relação entre o narcisismo infantil e o Ideal do Eu, em que no Ideal do Eu estariam contidas todas as perfeições do narcisismo infantil. Considera que o Homem "...não está disposto a renunciar á perfeição narcísica de sua infância. Se ele não pode mantê-la, (...) procura recuperá-la sob a nova forma de um Ideal do Ego" (Dessuant, 1992; pág. 35).

Para Freud, a maturidade consistiria num afastamento progressivo da megalomania, onipotência e centração em si (narcisismo primário) com a progressiva interacção com os objectos circundantes. Assim o que o homem projecta diante de si como seu Ideal substitui o narcisismo perdido da sua infância, fase em que o Eu era o seu próprio ideal.

O Ideal do Eu surgiria para manter a ilusão do narcisismo, embora se trate de um Ideal do Eu como estrutura narcísica e não, como resultado de uma estrutura triangular (Morales, 1984). Assim, o amor que o Eu gozou na infância é agora consagrado ao Ideal do Eu.

De acordo com B. Francisco (1993) para Freud o Ideal do Eu tinha como principal papel a defesa de interesses próprios, interesses narcísicos, saudáveis ou patológicos, interesses esses que podem ser projectados para o mundo externo ao indivíduo.

Nesta altura, Freud não distingue o Ideal do Eu da instância psíquica consciência, ligando o Ideal á perfeição narcísica da infância. Há uma conexão entre Ideal do Eu e onipotência da primeira infância na qual o bebé se atribui o papel de ser o próprio Ideal, pleno de capacidades (Rosenfeld, 1963).

No final desta obra, Freud propõe alguns conceitos sobre auto-estima e erotismo (libido objectal).

" Uma parte da sua auto-estima é primária e resíduo do narcisismo infantil, outra brota da onipotência corroborada pela experiência (o cumprimento do Eu Ideal) e uma terceira, da satisfação da libido objectal" (Trechera, 1996, p. 53).

Aqui o autor distingue três fontes que incidem na auto-estima do indivíduo: um resto de narcisismo primário, o Eu Ideal e a relação com os outros.

Nas "Lições introdutórias" (1916) as concepções de Freud sobre o narcisismo e a libido permanecem as mesmas, mas surge o conceito de narcisismo secundário que não aparece dessexualizado como na obra "O Eu e

o Id”, mas é apenas libido retirada do objecto e voltada ao Eu, ainda considerado como reservatório de libido (Mancia,1990).

Na obra “Luto e Melancolia” (1917), Freud vai relacionar o narcisismo com o estado depressivo, considerando que o melancólico perde o objecto narcísico e através de uma identificação no seu Eu recria, intrapsiquicamente, a relação ambivalente que antes tinha com o objecto.

“Não devemos hesitar em incluir esta regressão do investimento objectal á fase oral - narcísica da libido na nossa caracterização da melancolia”

(Mancia,1990, p. 20).

De acordo com P. Heiman, (citada por Mancia, 1990), esta identificação de que falava Freud constitui um dos primeiros exemplos de identificação projectiva intrapsíquica.

Terceira fase: Evolução final (1920-ss)

É a partir da obra “Introdução ao narcisismo” (1914) que Freud se começa a questionar sobre o destino do conflito psíquico, até aí estabelecido entre a libido e as pulsões do Eu. Freud depara-se com a dificuldade em integrar o narcisismo dentro da oposição pulsões do Eu v.s libido.

Em 1920, com a obra “Mais além do Princípio do Prazer”, Freud inicia uma modificação radical da teoria das pulsões em que assimila as pulsões do Eu e a

libido como sendo duas variantes de Eros, duas pulsões de vida (Baranger, 1980)

" (...) aventuramo-nos , num passo posterior, a discernir a pulsão sexual como Eros, a que preserva todas as coisas, e a derivar a libido narcísica do Eu e das reservas de libido por meio das quais as células do soma se aderem uma às outras." (W. Baranger, 1980, p. 33).

A libido narcísica vai englobar, agora, as pulsões de autoconservação (Guillem et al, 1991). Os instintos de autoconservação ou narcísicos aparecem no grupo dos instintos de Eros.

Era necessária uma terceira teoria que integrasse a oposição entre instintos do Eu - instintos sexuais, libido do objecto - libido narcísica, bem com sadismo, masoquismo e ódio (M. Renard, 1965).

Freud propõe uma última teoria das pulsões em que se opõem pulsões de vida e pulsões de morte. Agora já não eram as pulsões sexuais, mas sim as pulsões de vida, que se opunham às pulsões de morte.

A pulsão de morte esteve desde sempre, para Freud, ligada ao narcisismo: Narciso cai nas águas enamorado pela sua própria imagem (Morales et al, 1984; Trechera, 1996).

Freud considerava que os instintos tenderiam para o restabelecimento de um estado primordial inorgânico, sendo a expressão da natureza conservadora da substância viva. O narcisismo definido como um investimento libidinal do sujeito em si mesmo deverá estar ligado a Eros. A sua primeira manifestação ocorre ao nível celular e pode-se dizer que a coesão de uma unidade orgânica é a força que mantém as células ligadas entre si.

Nesta obra, o Eu já não é considerado de modo monista, na medida em que operam nele duas partes, uma ligada á libido instintiva que engloba a libido objectal e outra ligada á libido do Eu, que investiu o Eu como objecto. A este conjunto, Freud denominou Eros ou instinto de vida. Oposto a este, contrapõe-se um outro instinto dirigido á destruição: Instinto de morte ou Tanátos.

Haveria, assim, um narcisismo de vida, herdeiro de Eros e um narcisismo de morte, herdeiro de Tanátos. O narcisismo teria, então, dois aspectos um narcisismo estruturante que permitia a modelação do Eu e da auto-estima, e o narcisismo que ao perpetuar-se tornar-se-ia tanático; afastando-se do Eu e procurando um Ideal que não possibilita o crescimento mental nem a individualização do sujeito.

Contudo, em 1923, com a obra "O Eu e o Id", Freud procede a uma reconceptualização da sua teoria do narcisismo conduzindo a uma transformação que surge ligada á evolução da teoria dual dos instintos. Freud decide levar até ás últimas consequências as descobertas de 1920. O Id é , agora, considerado como instância: o grande reservatório de libido narcísica.

"(...) No começo, toda a libido está acumulada no Id, uma vez que o Eu está todavia num processo de formação. O Id envia uma parte desta libido como cargas eróticas ao objecto, através do qual o Eu é fortalecido ao procurar apoderar-se desta libido objectal e impor - se ao Id como objecto de amor. O narcisismo do Eu é então, um narcisismo secundário, que foi subtraído aos objectos." (W. Baranger, 1980, p. 34).

Assim, o Eu investe nos objectos mas faz voltar sobre si essa energia. O narcisismo do Eu é sempre um narcisismo secundário. Dá-se, nesta altura, uma inversão dos termos, o que antes Freud designava de narcisismo primário é agora apelidado de narcisismo secundário (Baranger, 1980).

Na altura em que Freud propôs a sua teoria estrutural o Ideal do Eu passa a ser designado de Super-Eu, dando o autor um maior ênfase aos aspectos críticos e punitivos dessa instância. Permanece, contudo, ao longo dos seus trabalhos uma dificuldade na distinção entre Ideal do Eu e Super-Eu (J. Sandler et al, 1990).

Tabela resumo do desenvolvimento do conceito de narcisismo na obra de Freud.

Elaboração (1909-1914)	Desenvolvimento (1914-1920)	Evolução final (1920-ss)
<ul style="list-style-type: none"> • Autoerotismo • Relação narcisismo-megalomania • Falta de interesse pelo mundo exterior • Narcisismo como fase normal do desenvolvimento • Narcisismo primário Narcisismo secundário 	<ul style="list-style-type: none"> • Narcisismo na hipocondria e na doença orgânica • Eleição de objecto por apoio e narcísica • A megalomania e o Eu Ideal 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre auto-estima e narcisismo • Relação com a pulsão de morte • Reconceptualização da teoria Eros/Tanátos

PARTE II

O CONCEITO DE NARCISISMO DEPOIS DE FREUD



No pensamento psicanalítico existem duas correntes para explicar a noção de desenvolvimento do aparelho psíquico. A polémica parece surgir em relação á existência, ou não, de um objecto pulsional desde o princípio da vida. A dúvida consiste em saber se é possível, ou não, conceber inicialmente a vida psíquica sem objecto.

Freud oferece, ao longo da sua obra, duas concepções sobre o narcisismo, numa delas o enfoque económico une-se á teoria da libido. Assim, de acordo com essa perspectiva, o narcisismo primário corresponderia a um estado em que o Ego é o grande reservatório de libido, situação pré-natal, onde há ausência de qualquer tensão. Segundo esta concepção, pretende-se construir a evolução do psiquismo a partir de uma espécie de estado hipotético, no qual o organismo formaria uma unidade fechada em relação ao mundo circundante. Neste estado não existiria um investimento no Ego uma vez que este não estava constituído enquanto instância, mas corresponderia a uma espécie de estagnação da libido numa unidade biológica concebida como anobjectal.

Assim, existiria uma narcisismo primário, anobjectal, biológico que se origina dentro do indivíduo e a partir daí dirigir - se - ia em relação aos objectos.

Numa outra concepção, o narcisismo é entendido como a representação que o indivíduo faz de si mesmo, como a significação que o Ego, enquanto

representação de si, tem para o sujeito. Deste modo caracterizado, pelo amor do indivíduo pela representação de si mesmo, será sempre secundário; correspondendo á retracção/regresso da libido no/ao Self.

Green (1993) sustenta que depois de Freud o narcisismo seguiu um duplo destino, por um lado, na Europa a obra de M. Klein pouca importância concedeu ao tema, tendo sido Rosenfeld que procurou a sua integração nas concepções Kleinianas. Do outro lado do Atlântico será com P. Hartman que o narcisismo vai ressurgir, sendo no entanto, com H. Kohut que o tema sofre um maior desenvolvimento.

Assim, relativamente ao narcisismo, as concepções dividem-se entre os que consideram a existência de um amor primário e os que postulam a existência de um narcisismo primário. A questão refere-se á autonomia do narcisismo. Para uns é legítimo defender essa autonomia o que conduz á aceitação da existência de um narcisismo primário, como instância autónoma (Grumberger); para outros, ele terá a ver com a origem do Self (Hartmann), relaciona-se com o investimento libidinal do Self (Kohut) ou será o suporte da identidade (Lichtenstein).

Béla Grumberger (1975), é um dos autores que identifica o narcisismo com um primeiro momento de evolução anobjectal.

Fiel ao pensamento de Freud, Grumberger enfatiza a presença activa do narcisismo ao longo de toda a vida, identificando o narcisismo com um primeiro momento evolutivo de ausência de objecto e que terá o seu protótipo na vida

intra-uterina. Assim, o narcisismo existe antes do nascimento, as pulsões perturbam-no na medida em que exigem outrem para se satisfazerem.

O autor liga-se directamente á segunda tópica Freudiana mas procura separar o narcisismo da pulsão de morte uma vez que, segundo ele, o inconsciente não conhece a noção de morte (Mancia, 1990).

Grumberger, considera que todas as formas narcísicas têm um denominador comum cuja fonte se encontra no estágio pré-natal, caracterizado por um estado de beatitude e de pura onipotência. Para o autor, o narcisismo deveria ser considerado como uma quarta instância do aparelho psíquico tal como o Eu o Id e o Super-Eu. Deveria ser visto como um modelo do estado emotivo, privado de relações objectais, constituindo o ponto de partida para o desenvolvimento da mente.

O narcisismo seria, então, um estado de perfeito equilíbrio homeostático, onde a satisfação das necessidades se processa automaticamente. É então, desta condição de bem-estar onde não se conhece o desejo, frustração ou objecto que derivam as formas narcísicas como a onipotência, a megalomania, a busca de auto-estima e de autonomia. O nascimento, através da ruptura com este estado, constituiria o primeiro traumatismo narcísico.

O narcisismo que surge na vida adulta seria uma tentativa de recuperação deste estado. O sujeito narcísico encontra-se, assim, ligado á vida pulsional pré-natal que funciona como uma matriz de onde derivam os traços narcísicos.

Nesta concepção teórica sobre o narcisismo postula-se a existência de um narcisismo originário, indiferenciado do auto-erotismo, o qual é definido como um modo de satisfação do estado narcísico. O narcisismo primário, postulado como um estágio anobjectal, não inclui a noção de Ego, e o narcisismo secundário aparecerá após a formação do Ego.

A teoria da libido altera-se com Grumberger, a libido sempre narcísica, será uma energia assexuada, secundariamente, a libido narcísica que pode ser dirigida ao sujeito ou aos objectos receberá elementos sexuais ou agressivos que transformarão o narcisismo em auto-erotismo ou em perversão narcísica e o investimento objectal em amor (Guillem et al, 1991).

O autor distancia-se de Freud no que respeita ao equilíbrio entre libido narcísica e libido objectal, pois considera que quanto mais o sujeito é capaz de investir o seu próprio Eu, mais libido objectal ele terá á sua disposição, i.é; a libido do Eu é equivalente á libido objectal. (Mancia, 1990).

Grumberger refere no entanto, um aspecto importante que diz respeito ao facto de ser necessária a confirmação narcísica para que a criança possa avançar sendo que, quando esta é insuficiente não é possível alcançar a coesão do Ego.

No entanto, é difícil conceber a ideia de que a vida intra-uterina seja um estado de perfeição e bem estar uma vez que, estudos recentes têm revelado a interferência, nesse estado, da disposição emocional da mãe.

O bebê não deve ser encarado como ausente de qualquer conhecimento ou sentimento, há que aceitar a possibilidade de que certas experiências emocionais e o impacto dessas na estruturação da personalidade, possam ter início na vida *in útero*.

Com efeito, a ideia de um narcisismo primário parece não ser viável, uma vez que o bebê é um ser essencialmente objectal, no sentido em que é captante de amor, estando por isso, desde início em relação com o meio.

Já M. Klein (citada por Bleichmar, 1992) considera que não existe nenhum processo mental que não englobe objectos internos ou externos afasta-se explicitamente da ideia de existência de um estado anobjectal, autoerótico e narcísico, que preceda as relações objectais. O investimento no objecto existe desde o início e desempenha um papel fundamental na construção do Ego inicial.

Assim, a teoria Kleiniana aborda o narcisismo do ponto de vista das relações objectais, sendo o narcisismo concebido de um ponto de vista psicopatológico.

Embora Klein não tenha utilizado concretamente o termo narcisismo, a sua obra apresenta um importante subsídio para o tema. Prefere falar de "estados

narcísicos" como retirada da libido do mundo externo para uma relação idealizada com um objecto bom internalizado (C. Vieira, 1993).

Klein distingue estados narcísicos de relações de objecto narcísicas, em que os primeiros dizem respeito à projecção do Ideal do Eu numa outra pessoa a qual é amada e admirada somente porque possui as partes boas do Self, enquanto as segundas dizem respeito a uma projecção das partes más do próprio (Mancia, 1990).

J. Engel (1995) sustenta que para Klein, o narcisismo não corresponde a um investimento no ego, mas sim a uma incapacidade de discriminação entre sujeito e objecto.

A passagem da posição esquizoparanóide para a depressiva é feita com base num reconhecimento progressivo da importância do objecto como um todo para o sujeito, de um reconhecimento da sua objectalidade. Assim, as relações narcísicas são típicas da posição esquizoparanóide onde o outro não é tido em conta enquanto objecto separado, havendo uma clivagem entre bom e mau. Nesta fase, devido à confusão entre realidade interna e externa e devido ao mecanismo de identificação projectiva, determinados aspectos do Eu são negados de modo onipotente e projectados no objecto, o qual pode tornar-se persecutório. Por outro lado, quando se projectam aspectos bons o objecto passa a ser idealizado. A identificação do objecto com os objectos do Eu constitui um dos mecanismos básicos das relações narcísicas.

Também para Klein, a inveja é uma componente fundamental da posição esquizoparanóide sendo que, a raiva e a agressividade narcísica constituem a expressão dessa inveja. A identificação projectiva surge, então, como uma defesa contra a inveja. A identificação projectiva, segundo Klein, constitui o protótipo do relacionamento objectal agressivo, representando um ataque anal ao objecto por forçar partes do Ego neste, a fim de apoderar-se dos seus conteúdos e controlá-lo ocorrendo na posição esquizoparanóide, a partir do nascimento (Hinshelwood, 1992).

Também H. Segal (1975) considera que qualquer forma de narcisismo se baseia na inveja relacionando-se, portanto, com a pulsão de morte.

Já em 1919, K. Abraham no seu trabalho "A Particular form of Neurótic Resistance against the Psychoanalytic method" havia relacionado a inveja com o narcisismo ao estudar a transferência negativa considerando que o paciente narcísico manifesta a sua agressividade, também, quando em análise tentava inverter o seu papel com o do analista. Referiu que a opinião que o paciente tem a seu respeito está tão idealizada que o aceitar ajuda é vivido como uma humilhação.

Rosenfeld retoma as ideias de Abraham e Klein e desenvolve-as. Reintroduz o conceito de narcisismo primário no seio da escola Kleiniana embora distinto da ideia de Freud, uma vez que não é considerado como estágio anobjectal.

Considera que a personalidade narcísica raramente experimenta um sentimento de culpa em relação ao objecto dos seus ataques. O que permanece vivo, na opinião do autor, é a pulsão de morte i.é; a sua capacidade para destruir e a sua violência as quais actuam ao serviço de um Self egocêntrico. Contudo, esta pulsão destruidora vai colocar em perigo uma parte sã, uma vez que não tolera que uma parte de si se possa relacionar com os objectos externos.

Rosenfeld (1991) vai distinguir entre aspectos destrutivos e libidinais do narcisismo relacionando-os com a teoria da pulsão de morte. Refere: *"A clínica demonstra que o instinto de morte não pode ser observado na sua forma original pois manifesta-se sempre como um processo destrutivo dirigido contra os objectos do Self. As formas mais virulentas desses processos são encontradas nos estados narcísicos graves"* (G. Shneider, 1993, p. 461).

Considera que os aspectos destrutivos do narcisismo são dominados pela pulsão de morte que pretende paralisar, ou matar psiquicamente, as partes libidinais do Self derivadas da pulsão de vida.

No que respeita aos aspectos libidinais do Self, desempenha um papel central a supervalorização do Self sustentada por identificações projectivas e introjectivas onnipotentes com objectos bons e com as suas qualidades. Relativamente aos aspectos destrutivos, embora a idealização ocupe também um lugar central, refere-se sobretudo á idealização das partes destrutivas onnipotentes do Self. Rosenfeld sustenta que quando predominam os aspectos destrutivos, a inveja á mais violenta e aparece o desejo de destruição do outro.

Bion, (citado por Mancia, 1990) fala de uma oscilação entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva a qual pode ser vista como uma oscilação entre a prevalência de partes narcísicas dominadas pela inveja e perseguição e partes libidinais que aceitam o redimensionamento da onipotência e a dependência do outro.

Para Rosenfeld, " *Nas relações de objecto narcísicas, defesas contra qualquer reconhecimento da separação entre Self e objecto desempenham um papel preponderante. A percepção da separação conduziria a sentimentos de dependência do objecto e portanto, á angústia* " (L. Sohn, 1985; Mancia, 1990).

As defesas contra a separação são postas em acção na medida em que se o Eu não está fundido com o objecto surge o reconhecimento das qualidades do último, e das inferioridades do próprio, o que provoca inveja. Assim, e de acordo com Mancia (1990), com Rosenfeld complexifica-se a teoria sobre o narcisismo uma vez que este deixa de ser visto apenas como uma defesa contra a inveja, mas também a negação da separação e a expressão de partes onipotentes do Self com origem na primeira infância.

Também A. Green (1993) na sua teoria sobre o narcisismo retoma a via traçada por Freud ao considerar a existência de um narcisismo positivo herdeiro de Eros, fundador do Eu, e um narcisismo herdeiro de Tanátos cuja tendência irá em direcção ao zero.

Green reavivou o conceito de pulsão de morte de um modo útil e inovador sob o ponto de vista clínico. O autor distingue o narcisismo negativo do masoquismo pois considera que o primeiro se dirige á inexistência, ao vazio; ao branco, enquanto masoquismo corresponderia a um estado doloroso como única forma de existência.

O narcisismo primário, positivo, é, para o autor, um estado absoluto na medida em que se trata de um estado de inexcitabilidade total, cuja finalidade é a abolição total das tensões. Nesta fase, Green, postula a existência de uma indistinção primitiva entre sujeito e objecto, que possui de modo confuso todos os investimentos. A este, opõe-se o narcisismo negativo que não se manifesta pelo ódio ao objecto mas sim, por uma tendência do Eu para desfazer a sua unidade, para se dirigir ao zero, sendo representado clinicamente pelo sentimento de vazio. Este narcisismo negativo teria, como principal, uma função desobjectificante que trataria de destruir o processo de objectivação (López Corvo, 1993).

Green é contrário á ideia de um narcisismo autónomo. Considera que o narcisismo se manifesta por uma contradição do Eu que deseja a sua unificação, o que só pode ser conseguido através da contribuição do objecto. Esta unificação é procurada através de identificações ideais com o objecto, o qual muitas vezes não corresponde a este ideal. O indivíduo desenvolve então um sistema que lhe permite proteger dos traumas e lhe confere a ilusão de onipotência e independência em relação ao objecto.

Contudo, estas concepções enquadram-se dentro das teorias pulsionais sobre o narcisismo as quais, considera-se, não fazem muito sentido actualmente. Alguns autores consideram que sustentar que o narcisismo surge como uma defesa contra as pulsões constitui uma visão redutora.

Como refere E. Cortesão (1990), o narcisismo individual não deve ser concebido em termos de bom ou mau, negativo ou positivo, maligno ou destruidor, mas sim como tendo um significado fundamental para o desenvolvimento da personalidade e do carácter, bem como para a patologia. O que se deve ter em conta é que existem operações narcisantes ou desnarcisantes que operam no seio da relação intersubjectiva.

Assim, partindo da distinção conceptual de Hartman entre Ego, Self e Representação do Self, considera-se que o narcisismo não é um investimento libidinal do Ego, como inicialmente Freud havia postulado, mas sim da representação que o sujeito faz de si mesmo. Edith Jacobson (citada por Stolorow e Lackmann, 1983) assinala que "são as representações do Self (...) que são investidas de energia libidinal e agressiva e que se tornam objecto de amor e de ódio.» (1975, pág.28).

H. Bleichmar (1983) recusa igualmente as formulações iniciais de narcisismo primário, puramente anobjectal. Considera, do mesmo modo, que o Ego que é tomado como objecto de amor é a representação que o sujeito faz de si, a qual é construída na intersubjectividade e na identificação com o outro.

Efectivamente, o narcisismo como o amor á representação de si mesmo é sempre secundário.

Também Rodriguez de Sopena (1991) se refere á ideia, segundo a qual a representação do Self não se pode constituir sem a presença do objecto, pois esta representação começa a estruturar-se a partir da relação com a mãe, que reenvia a imagem com a qual, a pouco e pouco, a criança se identificará. Assim, tal como refere C. Matos (1983), quem não foi amado e admirado não se aprecia uma vez não foi possível construir uma imagem bela do si próprio, na relação com o objecto primário e edipiano. De facto, tal como refere H. Bleichmar (1985), amamos o que nos faz sentir amados.

Aceitando, também, a definição de Hartmann; que faz do narcisismo um investimento libidinal do Eu, O. Kernberg (1967) considera que os distúrbios narcísicos de personalidade são definidos como efemeridades localizadas no Self.

De formação Kleiniana, o autor considera que o narcisismo, seja ele normal ou patológico, não pode ser separado dos aspectos relacionais com os objectos externos e internos e das pulsões libidinais ou agressivas.

Kernberg realizou importantes trabalhos sobre a patologia borderline. Considera que a organização defensiva da personalidade narcísica é idêntica á dos borderlines, distinguindo-os pelos “Eu grandioso” patológico característico das primeiras. O autor sustenta que narcísico se coloca numa posição de auto-

suficiência que se está relacionado com a patologia interna das relações objectais. Assim, estas personalidades não têm consciência da existência individual de cada um, nem dos sentimentos de raiva e inveja que possuem em relação aos outros.

Kernberg (1995 a) sustenta que as personalidades narcísicas apresentam uma atitude de superioridade, atrevimento, ambição desmedida e uma grande necessidade de serem admiradas, faltando-lhes a empatia na relação com os outros os quais desvaloriza devido á inveja que sente. Refere que estes pacientes estabelecem relações de exploração ás vezes parasitárias e facilmente reagem com raiva (Kernberg, 1979). Relacionam-se com os outros como se estivessem a espremer um limão, deitando depois fora a casca vazia (Kernberg, 1985). De acordo com o autor, o narcísico liga-se ao outro que possui algo que ele quer extrair ou então já o esvaziou e como tal, já não tem valor.

O autor sustenta que o transtorno narcísico de personalidade constitui uma estrutura psicológica diferente do narcisismo infantil normal, o que significa que Kernberg salienta o papel do conflito intrapsíquico na patologia narcísica. Para ele, as resistências narcísicas específicas dos pacientes com personalidade narcísica reflectem um narcisismo patológico, que é distinto do narcisismo normal do adulto e da regressão ao narcisismo infantil, normal. O autor propõe, então, a distinção entre um narcisismo normal ou positivo e um narcisismo patológico ou maligno. O narcisismo normal dirá respeito a um investimento libidinal do Self (enquanto estrutura integrada, incorporada no Eu), que integrou componentes libidinais (boas) e agressivas (más). Este Self seria dominado por um Super-Eu

integrado e pela satisfação de necessidades pulsionais num contexto de relações objectais estáveis.

Assim, o narcisismo não representa somente o investimento no Self, em oposição ao investimento no objecto, mas sim um investimento numa estrutura de um Self patológico que engloba o Self real, o Self e as representações objectais ideais.

O que se passa com estes pacientes é que as imagens de objectos idealizados que normalmente estariam integradas no Ideal do Eu, no Super-Eu, estão condensadas com o conceito de Self. Há como que um apagar do limites entre Ego e Superego.

O mundo interno destes pacientes é dominado por um Self grandioso, por uma imagem desvalorizada do seu Self e dos outros e por perseguidores potenciais que representam o superego sádico, não integrado (Kernberg, 1995 a).

Encontramos aqui, grande semelhança com as descrições citadas anteriormente acerca da concepção de Rosenfeld aquando da sua distinção entre aspectos libidinais e agressivos do narcisismo. Parece que a definição de narcisismo maligno engloba o que Rosenfeld havia descrito como aspectos destrutivos do narcisismo.

A. Reich (1960) opôs-se á teoria de Freud sobre a pulsão de morte. Considera que certos padrões denominados narcísicos funcionam para manter a representação do Self. Para a autora, os distúrbios narcísicos correspondem a tentativas abortadas para restaurar e estabilizar a auto-estima.

Ao descrever o paciente narcísico, A. Reich (1960) enfatizou a sua atitude de superioridade, destruição e inveja, bem como os comportamentos provocadores (á semelhança de O. Kernberg). Descreveu o carácter fálico - narcísico caracterizado pela ambição, impulsividade, agressividade e arrogância. De acordo com a autora, o paciente narcísico possui um profundo sentimento de inferioridade o qual seria disfarçado pela couraça que criava através da sua superioridade e exibicionismo (Rosenfeld, 1991; Stolorow e Lackmann, 1983).

Reich considerava então que o narcisismo seria uma forma patológica de regulação da auto-estima, havendo um desinvestimento em relação ao mundo externo.

Também Freeman (1964) afirmará que o narcisismo patológico surge como uma resposta defensiva ás frustrações. O sujeito vai amar-se a si mesmo porque os objectos na sua infância não proporcionaram prazer.

Einitz (1969) (citado por Stolorow e Lackmann, 1983) referiu que as escolhas narcísicas de objecto tinham como finalidade estabilizar e reforçar uma representação precária do Self.

Pulver (1970) conclui, após uma revisão da literatura, que o termo narcisismo tem sido utilizado:

- como uma perversão sexual, em que se considera que a imagem especular do próprio corpo é investida como objecto sexual,

- como um modo de relacionamento com os objectos que engloba quer o afastamento total das relações objectais, quer um tipo de escolha do objecto em que o Self desempenha um papel mais importante do que o objecto em si;

- como uma etapa de desenvolvimento, sendo sinónimo de narcisismo primário;

- como auto-estima.

Stolorow e Lackmann (1983) associando-se aos trabalhos de Hartmann, propõem uma definição funcional do narcisismo como regulador da auto-estima. Assim, o narcisismo implica as operações mentais cuja função é regular a auto-estima, mantendo o colorido afectivo da representação do Self.

O narcisismo é então, funcionalmente definido como estando ao serviço da regulação da auto-estima.

Os autores sustentam que a auto-estima é vulnerável, sofre influências externas e internas pelo que, quando a sua estabilidade é ameaçada entram em

acção as actividades narcísicas de modo a restaurar e estabilizar a auto-estima. Assim, Stolorow e Lackmann entendem o narcisismo em termos funcionais e não económico - pulsionais e referem que " *a actividade mental é narcísica no grau em que a sua função é a de manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a tonalidade afectiva positiva da representação do Self*" (op. cit. pág. 22).

Também Kohut (1966, 1988) considera o narcisismo como algo sã, um aspecto principal em si mesmo. Considera que a libido narcísica sofre uma evolução independente da libido objectal conduzindo á instauração do Self.

Segundo o autor, o recém-nascido inicia a vida num estado de narcisismo primeiramente indiferenciado. Tal como referira Freud, inicialmente há um estado indiferenciado, de contenção da energia, sustentando Kohut que a primeira fase de diferenciação desse narcisismo primitivo surge sob a forma de configurações narcísicas, arcaicas : o Self grandioso e as imagens parentais idealizadas.

Com o desenvolvimento ocorre uma transformação do Self grandioso, bem como uma modificação da imagem parental idealizada no sentido da criação de um Ideal do Eu estável, o qual é gradualmente internalizado como um conjunto valioso de ideias e valores pessoais. A perturbação surge, de acordo com o autor, quando a evolução normal é impedida pelo Self grandioso e pelas imagens parentais idealizadas. Assim, o Self não consegue integrar-se no Eu e vai permanecer ligado aos Self-objects arcaicos.

Para que haja maturação do Self, o objecto é carregado de libido narcísica, constituindo-se os Self-objects. O Self-objecto é um objecto externo que é capaz de responder de modo empático às necessidades narcísicas da criança. É um objecto arcaico que é sentido como fazendo parte do si-mesmo, sendo necessário á manutenção da organização do Self.

A ideia de Kohut é que nos transtornos narcísicos de personalidade o objecto funciona como um Self-objecto, desempenhando funções básicas do sujeito, possibilitando um equilíbrio narcísico através da regulação da auto-estima. São os Self-objects que possibilitam que a criança ao longo do seu desenvolvimento possa formar um Self coeso, dotado de grandiosidade, onnipotência, exibicionismo e idealização dos pais. Contudo, o Self grandioso perderá a sua grandiosidade e onnipotência integrando-se na personalidade adulta, tornando-se base para uma auto-estima adequada.

Kohut sustenta que para que se desenvolva um Self sadio é necessário que haja um espelhamento empático com o Self-objecto, bem como um "holding" (Winnicott), por parte da mãe suficientemente boa, e de uma imprescindível gratificação simbiótica (Mahler).

Para o autor, é importante que surjam frustrações toleráveis que conduzam a que os Self-objects e as suas funções sejam substituídos pelo Self autónomo e diferenciado. Uma falha do Self-objecto, na sua tarefa de responder às necessidades empáticas da criança, desencadeará uma falha no desenvolvimento do Self autónomo e integrado.

Ao longo do desenvolvimento a dependência da criança em relação à mãe vai-se alterando, bem como a qualidade da relação com os objectos do Self embora, tal como refere o autor, a ligação à mãe permaneça de modo a possibilitar um equilíbrio narcísico. Com efeito, a determinada altura do desenvolvimento é possível um estado de coesão interna e de integridade das estruturas psíquicas em evolução, que permitem preservar um sentido de continuidade interna e um sentimento de coesão da organização do Self (E. Cortesão, 1990).

Para Kohut é indispensável que exista, precocemente, uma empatia. Se esta falhar poderá originar uma paragem do desenvolvimento nessa fase. Assim o autor sugere que nas perturbações do narcisismo há uma perturbação das funções empáticas parentais. O conflito não será intrapsíquico, como refere O. Kernberg, mas será interpessoal, com as circunstâncias ambientais.

Como verificamos, todas estas concepções teóricas apontam para a ideia de que o narcisismo se estrutura na relação da díade. Uma vez que a mãe é a primeira realidade externa que a criança conhece, é no interior dessa relação mãe-filho que se vai estruturar o Eu infantil, através do conhecimento progressivo dos limites do corpo com a posterior distinção entre o Eu e o outro.

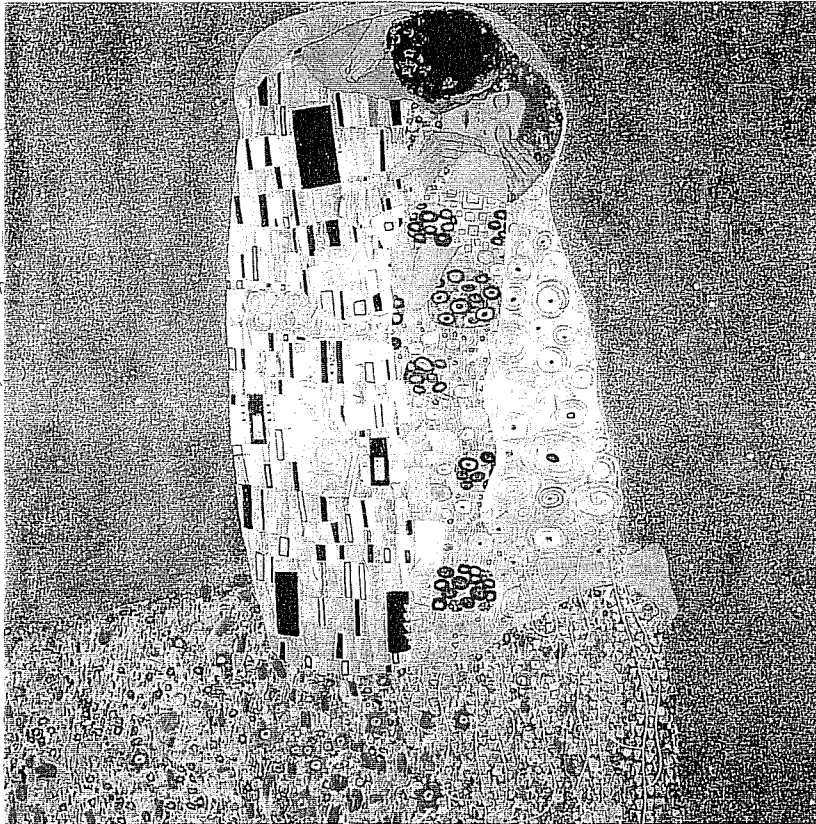
Quando a criança não obteve os cuidados adaptados às suas necessidades fisiológicas, de afecto e de protecção, ela fica entregue aos seus próprios mecanismos, ficando dificultado o processo de reconhecimento da

separação Eu-outro, uma vez que a interacção está comprometida bem como a possibilidade de identificação primitiva, que Jacobson (1975) (citado por M. J. Gonçalves e M. Fornelos, 1989) designou de afectivo-motora. Assim, todo o processo de identificação posterior será afectado desenvolvendo-se estratégias de consolidação da auto-imagem através de condutas imitativas.

O narcisismo, quando não adequado desenboca numa imagem desfalecida do próprio pelo que é necessário o recurso a estratégias que permitam a regulação da auto-estima, de modo a ser possível prosseguir. Uma das estratégias é a ligação ao outro, de um modo sadico/masquista, de modo a regular a auto-estima.

PARTE III

RELAÇÕES AMOROSAS E NARCISISMO



« ... ela beijou-o, embora a sua paixão fosse um medo indefinido daquilo que ele representava. Ao fazê-lo tocou a cara dele com os seus dedos infinitamente meigos, evasivos e interrogativos (...). Como ele era perfeito e estranho - ai, que perigoso! (...) Beijou-o e colocou os seus dedos sobre a sua cara, os seus olhos, as suas narinas (...) para reconhecê-lo, para apoderar-se dele pelo tacto. Ele era um inimigo inefável, mas iluminado por um sinistro fogo branco(...) Ai, se ela pudesse ter o precioso conhecimento do seu Eu, então ficaria preenchida e nada seria capaz de tirá-lhe isso. (...) Os seus dedos tinham-no em seu poder. O enorme e insondável desejo que sabia despertar nele era mais profundo que a morte, perante a qual ele não tinha escolha»

D. H. Lawrence, *Women in Love*, 1920 (in Arno Gruen, *A traição do Eu*)

De acordo com Bleichmar (1983) considera-se que o narcisismo é um processo intersubjectivo que implica que o objecto emita uma valorização positiva do indivíduo. Para o autor, desde o início da vida a zona erógena é fonte de prazer, mas quando o olhar do outro adquire importância produz-se um prazer adicional: o objecto já não origina somente prazer orgânico, mas também prazer narcísico " *é o outro que confere meros objectos anatómicos em algo digno de ser admirado como belo*" (op. cit. p. 38).

Também Winnicott (1985 a) refere que o Self se reconhece nos olhos e no rosto da mãe como, mais tarde, no espelho. É a função de espelho que Spitz (1965) observou na resposta da mãe ao sorriso da criança.

Winnicott (1985 a) refere que, quando a fase simbiótica se desenrolou normalmente, o bebé adquire um estado narcísico satisfatório, caracterizado por uma experiência de onipotência, ilusória, mas que é imprescindível ao desenvolvimento normal. Contudo para que ocorra satisfação com esse estado narcísico, é necessário que a mãe invista afectivamente o filho. É através do "holding" e do "handling" da mãe que a criança adquire o sentimento da importância do seu próprio Eu.

Assim, no início da vida, o narcisismo começa por ser regulado pelo objecto que tem uma função narcisante mas, ao longo do desenvolvimento passa a ser regulado internamente.

Porém, tal como refere Kohut, (citado por Tyson e Tyson, 1985), quando a mãe não é suficientemente boa, não ocorre uma idealização do Eu o que, de acordo com o autor, vai comprometer ou impedir a formação de um Ideal do Eu. Nestes casos, o indivíduo não pode reagir de uma maneira interna, pelo que a sua auto-estima o seu sentimento de integridade, vão depender de objectos externos.

Como se verifica na patologia narcísica, a regulação da auto-estima continua a ser externa. A insegurança e os sentimentos de inferioridade que o próprio sente impedem-no de se autovalorizar, procurando a valorização através do exterior.

Guillem, Loren e Orozco (1991) consideram que somente com a formação de um Ideal do Eu suficientemente estável está assegurado o narcisismo indispensável. Caso contrário, de um modo semelhante a Kohut, os autores consideram que esse narcisismo será procurado e obtido através de objectos externos que, pela identificação projectiva, recebem essa função por delegação e, pela identificação introjectiva, ocuparão provisoriamente o lugar que deveria ocupar a estrutura interna.

Também J. Bégoïn (1991) considera que o crescimento psíquico é marcado, em particular, pela formação de um Ideal do Eu suficientemente estável, garante de um narcisismo sã e acrescenta que esse narcisismo se constrói, essencialmente, numa boa relação mãe-filho. Assim, considera que o

narcisismo patológico está relacionado com o desespero de não ter encontrado, ou de ter perdido, o objecto bom (objecto narcísico do Eu na versão de Andreóli (1989)) que permite o desenvolvimento.

Claro está, que se existe a representação de um Eu Ideal é porque existe alguém capaz de ver o indivíduo dessa maneira, o que determina o desejo de querer sê-lo para o objecto.

Se, na infância, não foi possível viver a ilusão de se ser um Eu Ideal, passar-se-á toda a vida a procurar sê-lo.

Assim consideramos que, narcísico é aquele que não teve, na relação com a mãe, espaço para se ver como uno. Foi vivenciado como um pendente, um projecto da mesma, conferindo-lhe um sentimento de que não possui vida própria e independente. Anulado na sua existência, tornou-se servo do objecto com quem aprendeu que deve satisfazer e não desiludir.

Não se conheceu através do objecto, não se reconhece sem ele. Vivência com estranheza o seu corpo e os seus sentimentos, sente-se incompleto, não compreende porquê. Projecto de uma mãe que não reconheceu as suas qualidades e de um pai que permitiu que permanecesse uma ligação fusional á mãe. Filho de pais cujos desejos correspondem á recusa da dependência do filho bebé, porque lhes desencadeia ansiedades intoleráveis e porque exigem que o filho seja a perfeição (omnipotente), de modo a reflectir a própria imagem de perfeição dos pais narcísicos.

O narcísico impede-se de olhar para o seu interior e passa, de forma maníaca, a mascarar a sua ferida, escondendo-se no exterior e por detrás de um Ideal do Eu, impessoal e megalómano; que face ao menor desequilíbrio se despenha num precipício de inferioridade e vergonha.

Duplo deprimido, primeiro porque sofreu a perda do investimento do objecto, e ao tentar recuperar esse investimento procurou identificar-se ao Ideal do Eu megalómano, como única condição para recuperar o amor do objecto. Depois, deprime-se quando falha no seu percurso de tentativa de igualar-se ao Ideal do Eu.

Em nossa opinião, o narcisismo constitui uma defesa do Eu contra o estado depressivo. Esta defesa realiza-se através de uma certa ruptura das relações com o ambiente, quando este já não possibilita o conforto e o afecto que o indivíduo esperaria dele. Assim, para escapar á angústia do estado depressivo, o narcísico vai-se afastando das relações verdadeiras com os outros, asila-se narcisicamente e procura esconder os seus temores com a afirmação de um exagerado valor, do qual não é possuidor.

Parece-nos, que face á perda do amor do objecto só restam duas alternativas: ou o indivíduo se deprime porque se desidealiza face ao objecto idealizado ou, por outro lado, foge á depressão em que no caso do narcisismo envereda por um processo de fuga maníforme que pretende a fusão com o Ideal

do Eu. Passa nestes caso a ser depressivo, não deprimido, pois não permite que a depressão apareça.

Podemos estabelecer, aqui, uma relação com o que refere C. Matos, (1982, 1983) sobre a agressividade e a depressão. Assim, de modo semelhante ao que referimos acima, face á perda do amor, o indivíduo dirige a agressividade contra si sob a forma de anulação parcial ou total, deprime-se e sofre de uma ausência do querer que resulta da anulação efectuada por um Super-Eu inconsciente e sádico. Ou então, de outro modo, tenderá a agir de forma a conseguir a deflexão da agressividade, em busca do amor próprio.

Nestes indivíduos surge a necessidade de se colocarem na posição do agressor. Aquele que não se sentiu desejado, vai agora, devido á sua raiva narcísica, fazer com que o outro se sinta da mesma forma.

Quando a perda do amor do objecto ocorre precocemente durante a fase de formação da auto-imagem como pessoa, durante o processo de narcisação primária (C. Matos, 1997), desencadeia uma tendência mais depressiva em que a imagem que o sujeito tem de si é, de um modo generalizado, negativa. O indivíduo tem uma auto-estima baixa relativamente a todo o seu desempenho.

Quando a perda do investimento do objecto ocorre na fase genital, durante a qual o indivíduo cria uma ideia acerca da sua imagem sexuada, então essa perda do amor do objecto é pelo indivíduo justificada pelas suas fracas

potencialidades para suscitar desejo e admiração. Há uma desidealização que se centra na imagem sexuada.

A retirada do amor, equivale á retirada da estima, uma vez que o amor é o alimento narcísico logo, quando desaparece conduz ao aparecimento do sentimento de vergonha.

Tomkins (1963) considera a existência de uma estreita ligação entre a depressão e o sentimento de vergonha. Há um sentimento de desvalorização do Self, este é visto como diminuto e desamparado. É, então, este sentimento de desvalorização e inferioridade que, segundo Adler (1981), conduz á procura de uma forma de compensação de modo a esconder a inferioridade sentida. Assim, a depressão narcísica é uma depressão onde os sentimentos de vergonha estão acentuados conduzindo á procura de mecanismos de "super-compensação" (Adler, 1981).

Claparède (citado por P. Luzes, 1983) distingue várias formas de compensação de modo a dissimular os sentimentos de inferioridade: as compensações heróicas; as compensações protectoras, que se destinam a esconder um sentimento de inferioridade que é insuportável valendo-se da exibição de um sentimento de grande superioridade ou vaidade; a compensação fictícia, pelo sonho acordado; a aceitação da inferioridade que, sendo defensiva, pretende permitir uma desculpabilização por eventuais falhas do indivíduo.

Considera-se que no narcisismo a compensação do sentimento de inferioridade se faz pela vaidade e exibição de um falso sentimento de valor.

O narcísico revela uma "depressividade" (C. Matos, 1980, 1982), possuente de uma depressão latente, dissimulada por estratégias de fuga entre as quais uma incessante procura de identificação a Ideal do Eu, para colmatar as vivências de inermidade.

O investimento no próprio torna possível encontrar em si mesmo um objecto de amor, constituído de acordo com o modelo do objecto. O processo de narcização, designamos, *á-posteriori*; será tanto mais forte quanto mais se sentiu que o objecto primevo decepcionou. É este objecto - decepcionante que origina o movimento depressivo. O objecto desiludiu, enganou, jamais é digno de confiança. Não desempenhou mais do que uma função de espelho desvalorizante, não possibilitando que o indivíduo constituísse as suas provisões narcísicas. O desejo do objecto não coincidiu com o do indivíduo: ser desejado. Não admira, assim, que o outro passe a ser não desejável, mas indesejável; não desencadeador de amor, mas sim de raiva.

No entanto, desde que a realidade individual e o Eu Ideal possibilitem um acordo, a depressão está refreada. Mas, o desvio seja por exacerbação do Eu Ideal, seja por falha real ou imaginária face ao objecto ou ao Ideal do Eu, dá livre curso ás acusações do Super-Eu. Desencadeia-se a queda no vazio. Revela-se a doença.

Por detrás da Euforia e indiferença (aparente), que estes pacientes apresentam, dissimula-se um tremendo vazio afectivo que revela, a pouco e pouco, um mal depressivo.

A atitude maníaca, encontrada nestes pacientes, representa uma defesa contra a depressão que de acordo com Coimbra de Matos (1982) corresponde á colocação do Super-Eu no objecto. Mas quando o indivíduo age desse modo, ele projecta aspectos parciais do seu Super-Eu, sem qualquer elaboração mental. Por outro lado, a defesa maníaca ao querer negar a depressão por perda do afecto, impede a evolução para a posição depressiva e a consequente reconciliação com o objecto (C. Matos, 1994).

Mas o narcísico procura no outro um suporte que lhe permita continuar a fugir da depressão. Assim utiliza, posteriormente, os objectos como veículos para alcançar a identificação ao Ideal do Eu.

O indivíduo vai, então, ao longo do seu desenvolvimento procurar um meio de se sentir valorizado, porque sente que nunca o foi. Assim, estabelecerá relações amorosas que lhe permitam uma ilusão de possuir uma auto-estima verdadeira. Procura objectos que possibilitem ao sujeito uma vivência, ainda que falsa, de libertação dos seus sentimentos de auto-desvalorização através da projecção das partes más do Self, no objecto, por meio do mecanismo de identificação projectiva.

Tendo sido amado não pelo que é, mas sim pelo que faz de bom aos olhos do objecto, a avaliação do Ego e o reforço da auto-estima não poderá realizar-se senão através de actos. Contudo, o acto não é utilizado como uma prova das capacidades do Ego, mas sim como um meio de se fazer aprovar pelos outros. Além do mais, os actos não são vividos como exprimindo a totalidade do Eu, mas como um meio de se fazer confirmar.

Assim, amado parcialmente, apenas pelos aspectos que satisfaziam o objecto, só aprendeu a “amar” desse modo. Liga-se ao objecto de modo parcial. Estabelece relações bidimensionais, baseadas em processos primários e em que o que interessa são aspectos exteriores e não a pessoa em si, em que o básico na relação, poderá ser pensado do seguinte modo: “ Gosto não dele, mas do que ele me faz iludir que Eu seja!”.

Diríamos que o outro não desempenha mais do que a função de um "objecto transicional" (Winnicott, 1953) que permite que o indivíduo jogue com a ilusão da sua própria onipotência.

De acordo com O. Kernberg (1995 b) consideramos que, muitas vezes, quando a personalidade narcísica se liga ao outro, a sua paixão centra-se em torno da beleza física, do poder ou da riqueza, os quais conferem ao indivíduo o sentimento de posse de tais atributos. Muitas vezes, a idealização refere-se ao facto de imaginar que o outro vive uma vida de gozo, sem vergonha, sem inibição e sem culpa; tão desejada pelo indivíduo. Assim, é como se fantasiassem que o

brilho do objecto ilumina e oferece a esperança, ainda que vã, a um Eu nas trevas.

Com efeito, encontramos homens/mulheres, que se ligam ao objecto possuidor de beleza ou estatuto social, que julgam conferir ao próprio a potência, o poder de possuir tal objecto de valorização. Denotando-se uma clivagem entre interior e exterior, com supremacia do segundo face ao primeiro.

Pensamos que nas relações narcísicas, o outro é procurado como um "objecto transformacional" (C. Bollas, 1978), alguém que traga a promessa de poder transformar o Self do próprio. Relações ansiosas por encontrar um objecto no qual se possa depositar a esperança de uma transformação do Eu e uma reparação da "falha básica" (Balint, 1968).

O desejo de transformação relaciona-se com o facto de o narcísico não gostar do seu mundo interno, é como se odiasse a sua realidade interna. Assim, Reeze (1977) considera que é esta imagem empobrecida que o narcísico tem de si que propicia a inveja.

Estas são, assim, relações onde a inveja ocupa um lugar preponderante, desencadeando agressividade face ao objecto. Hanna Segal (1975) referira que a inveja visa a que se seja tão bom como o objecto e que, quando isso é sentido como impossível, o objectivo é danificar o que no objecto provoca inveja removendo a fonte de sentimentos invejosos.

São relações mediatizadas pela idealização em que o outro, muitas vezes é procurado como um reflexo de tudo o que o próprio gostaria de ver em si (do seu Ideal do Eu). Como sustenta H. Bleichmar (1985) o indivíduo julga assim, poder ocupar o "trono narcisista" do objecto. É como se o indivíduo pensasse que na ligação ao objecto ele próprio pode brilhar e envaidecer-se com a sua grandiosidade (do objecto). Assim, objecto deve ser poderoso de modo a permitir a satisfação de desejos incorporativos (oralidade) do sujeito (P. Luzes, 1983).

Contudo, o objecto não pode ser melhor que o Ideal do Eu pois isso desencadearia inveja e conseqüentemente ataques sádicos á sua personalidade de modo a que esse não possua nada de invejável. O objectivo é destruir o narcisismo do outro porque esse aumenta o sentimento de inferioridade do próprio.

Por outro lado, encontramos relações em que a ligação se faz a um objecto do qual o próprio tem uma imagem desvalorizada julgando que assim vai conseguir disfarçar as suas inferioridades pelo aflorar constante das incapacidades do objecto, conduzindo a uma ilusão de identificação ao Ideal do Eu. Também estas são relações espelhantes em que o outro, desvalorizado, não representa mais do que a imagem que o próprio tem de si. Contudo, fica mais fácil, para indivíduo, lidar com esses aspectos "maus", no outro.

Encontramos, aqui, uma manifestação da "Fúria Narcísica" (Vilma Araújo, 1990), a agressividade típica do narcísico. O indivíduo narcisicamente vulnerável tem receio que o objecto o atinja na sua ferida narcísica

desencadeando a humilhação, pelo que ele passa a ter uma atitude agressiva de modo a desencadear no outro esse sentimento. Os sentimentos de inferioridade conduzem ao emergir de agressões hostis. Surge a vingança para com aquele cuja única falha foi a de ser (parecer) mais forte do que o próprio (F. Alexander, 1975).

Podemos dizer que esta agressividade, pela desvalorização, permite tornar menos consciente o sentimento de vergonha do próprio, na medida em que ele passa a ser o objecto vexatório e despiciente.

De acordo com Kohut (citado por M. Seiden, 1989) nestas relações o objecto não é mais do que um objecto do Self cuja função é a de trazer ao próprio um ganho narcísico.

Relações que emergem, não do desejo, mas sim de uma identificação perceptual do objecto com a sua função. Como se nestes pacientes ocorresse uma suspensão da "função objectalizante" do Eu (A. Green, 1993), pois permanecem numa posição narcísica, impedidos de passar á posição objectal.

A função do objecto é a de servir o Self e permitir uma auto-valorização, sendo assim, há uma grande dificuldade em tolerar a separação, a qual conduzirá sempre a sentimentos depressivos pois o indivíduo tem uma enorme necessidade de se sentir amado e considera que o é, somente numa relação simbiótica, deprimindo-se face a qualquer ausência do objecto.

O objecto é, muitas vezes vivenciado como um fragmento do indivíduo, no sentido em que complementa e permite a regulação da auto-estima, assim, a ausência dele provocará sentimentos de vazio e depressão que o indivíduo não consegue suportar. Isto porque o objecto é o da actividade narcísica logo, se ele desaparece surge a depressão, o desinteresse, em que o indivíduo sente que desaparece uma parte de si próprio.

Como refere H. Bleichmar (1985) "*a relação entre a actividade narcísica e o seu objecto é então de complementação, exactamente igual á da pulsão de uma zona erógena e o objecto que a satisfaz. Esse só interessa na medida em que permite alcançar o seu fim*" (op. cit. p. 38).

O narcísico assim o faz porque assim lhe fizeram, é a única modalidade relacional que conhece. Isto, porque a sua experiência primeira foi a de uma relação de mútua dependência entre o próprio e a mãe. Uma mãe que no seu sistema relacional com o filho usou de um investimento predominantemente narcísico em que o filho, nascido da amputação, é utilizado para compensar a sua falta de amor próprio, fazendo dele uma continuação da mesma, ensinando-o a depender dela, permitindo-lhe a ilusão de que lhe pode dar tudo, inibindo-o face a qualquer tentativa de separação.

O indivíduo descobriu-se, na relação, pela negativa ao confrontar-se com o outro, aprendendo a ver a mãe, e posteriormente o outro, como uma continuação do próprio, fazendo perdurar um narcisismo fusional em que, numa comensalidade, se servem do narcisismo um do outro.

Como refere Coimbra de Matos (1997) " *na catéxia narcísica do objecto, este só é reconhecido, apreciado admirado e desejado, assim como aceite e respeitado enquanto é sentido como idêntico e unido ao sujeito, sem vontade própria nem diferente*" (op. citado p. 23).

O outro deve, em muitos casos, ser um objecto gémeo do sujeito (Kohut, 1984) pois se o Eu não está fundido com o objecto, surge o reconhecimento das qualidades do último o que provoca inveja, surgindo a necessidade de pôr em acção todas as defesas contra a separação. Como refere J. dos Santos (1984), o outro não constitui um verdadeiro objecto de amor mas sim um duplo narcísico do sujeito.

Há um desejo inconsciente de complementação através do parceiro, o qual é tratado como um gémeo imaginário. D. Anzieu (1986) ao desenvolver o trabalho de Bion (1967), descreveu a relação inconsciente do objecto de amor como complementação homossexual e/ou heterossexual do Self. Complementação homossexual no sentido em que o parceiro heterossexual é visto como uma imagem especular do Self. Qualquer aspecto que no parceiro não corresponda a esta regra, não é tolerado.

Há nestas relações uma grande dificuldade em reconhecer que o objecto tem características próprias e tem capacidade para satisfazer o sujeito, isto porque esse reconhecimento, no outro, conduz a sentimentos de limitação do próprio. Há uma incapacidade em apreciar o que o outro tem de único e diferente.

Assim, nestas relações, ocorre sempre o desaparecimento do outro enquanto unidade diferenciada. O impedir que o outro exista tem como função possibilitar que o próprio possa representar algo.

Palácio Espasa (1989) sustenta que qualquer separação face ao objecto tem de ser evitada pois ela trará conflitos de ambivalência e possessividade face ao objecto.

Há uma tentativa de negação da identidade separada entre Self e objecto para a qual contribuem as identificações projectivas e introjectivas pois é como se o Self se esforçasse por introjectar o que há de bom e projectar no objecto o que é vivenciado como mau (Rosenfeld, 1991).

Assim, encontramos nestas relações um balouçar constante da visão do objecto, por um lado mau uma vez que é fonte de projecções, por outro Ideal, com o qual o indivíduo se quer identificar. Numa constante alternância em que “se gosto de mim não gosto do outro, se gosto do outro não gosto de mim”. Isto porque, se o objecto é vivenciado como mau o próprio sente-se valorizado, surgindo sentimentos de inferioridade e humilhação quando o outro é vivenciado como objecto perfeito. O objecto tem assim, duas faces com as quais o indivíduo joga alternadamente, ora é mau; ora é ideal, convenientemente de forma a regular a auto-estima. Considera-se, no entanto, que o objecto não é clivado, ele possui uma continuidade afectiva (contrariamente ao que acontece na patologia borderline).

Se por um lado o objecto é idealizado, por outro ele facilmente adopta uma face perseguidora pois ameaça o narcisismo do indivíduo. Assim o objecto poderá ser designado de transnarcísico uma vez que permite regular o narcisismo do próprio. Ou de outra maneira, as relações podem ser designadas de transnarcísicas uma vez que, como num sistema de vasos comunicantes, o narcisismo circula de um para outro.

De uma forma mais simples, podemos dizer que o aumento do narcisismo de um corresponde a um abaixamento do nível do narcisismo do outro; o que é típico de uma relação narcísica fusional.

Parece-nos poder estabelecer aqui, uma relação com o que referira Freud no que diz respeito á relação entre a libido narcísica e a libido objectal. Embora consideremos que quando há um verdadeiro investimento no objecto amado, aumenta a auto-estima, na modalidade de investimento narcísico do objecto o que parece haver é uma diminuição da auto-estima quando há uma ligação ao objecto porque o indivíduo se sente inferiorizado em confronto com as qualidades do outro. Como se tudo se passasse como Freud referira, que o aumento da libido objectal conduz a uma diminuição da libido narcísica e vice-versa.

Nestas relações, o indivíduo aumenta as suas reservas narcísicas alimentando-se do narcisismo do objecto, quase como se fantasiasse que por osmose, recebesse o valor que inveja no outro. Encontra-se numa permanente posição narcísica em que o indivíduo procura fortalecer-se narcisicamente, não entrando e linha de conta com o outro. Como refere A. Jeanneau (1991) há

nestas relações " (...) *este paradoxo, quanto mais se trata do Eu, menos se trata do ele (...)*" (op. cit pág. 39). Trata-se de uma "disjunção exclusiva" (Bleichmar, 1985), ou o Eu ou o outro. Relações que poderão ser equacionadas do seguinte modo: $(1+1)=1$

Nestas relações, para que um esteja na ribalta, é necessário que o outro permaneça sempre nos bastidores. O objecto não, pode aparecer enquanto alguém que tenha outros objectivos que não sejam a complementação do sujeito através da sua conduta de admirador. Há nestas relações uma "recusa da objectalidade do outro" (C. Matos, 1982), o objecto não pode ter outros desejos que não sejam os do próprio.

Já K. Abraham (1923) havia referido que no estágio anal do desenvolvimento psicosexual, o indivíduo vê o objecto como algo sobre o qual ele exerce o seu domínio. Também nestas relações há a expressão dessa analidade, o outro é propriedade privada do indivíduo, tratado como uma parte de si.

São relações tirânicas, onde o objecto tem de brindar á admiração do sujeito, deixando que o seu pensamento e os seus desejos sejam controlados, de modo a se criar uma ilusão de segurança na relação.

O desinteresse pelo outro, enquanto entidade separada, parece poder relacionar-se com a tríade descritiva do carácter abandonico referida por J. Bergeret (1974) quando da definição do carácter narcísico. Assim, a

desvalorização do objecto, a negação do seu existir e do seu valor enquanto ser importante e autónomo terá como objectivo provocar no objecto sentimentos de abandono que o indivíduo já sentira e que tem receio de vir a sentir por considerar que o outro o vai rejeitar, pelo seu fraco valor. Para evitar a sua desvalorização, despreza o objecto, como consequência da desvalorização que possui de si mesmo.

Por outro lado, se o indivíduo não se valoriza, não se considera digno de amor, tenderá a provocar no outro esses sentimentos, é um modo implícito de ataque ao narcisismo do outro, como vingança em função de frustrações do passado.

Estes indivíduos, possuidores de um profundo sentimento de vergonha, tendo sido, na sua infância, objecto de atitudes sádicas dos pais, pretendem transformar o passivo em activo (Freud, 1920) passando a identificar-se ao agressor (A. Freud, 1936) tendendo a responder agressivamente a qualquer situação que desencadeie esse sentimento passando; como refere Kohut (1980), *"(...) a infligir activamente nos outros aquelas feridas narcísicas que mais teme sofrer"* (op. cit. pág. 450).

O desprezo pelo outro enquanto objecto único e válido, tem como objectivo instalar a separação i.é; o indivíduo tem necessidade de sentir que o outro é desvalido para não se sentir dependente dele e para não sentir inveja. Quantas vezes assistimos á desvalorização do objecto, que o indivíduo narcísico faz para não se sentir dependente, sendo exemplo as seguintes revelações de pacientes :

“Casei-me porque estava doente, ..., veja tão doente que eu estava!” sic.; “Tenho de descobrir algum defeito nele...não pode ser tudo bom!” sic.

Por outro lado, com desprezo e a desvalorização do outro pretende-se que esse se sinta desprezado e acabe por se auto-desvalorizar facilitando o reinado do narcísico num mundo de iguais.

O. Kernberg (1995 b) sustenta que a ressonância edípica que todas as relações amorosas faz com que a pessoa narcísica tente, inconscientemente, um relacionamento dominado pela agressão, mais do que pelo amor, devido ao ressentimento do passado.

Uma manifestação de agressividade nestas relações verifica-se pela tendência ao domínio sobre o objecto por forma a torná-lo submisso e próximo para conferir ao indivíduo um sentimento de segurança. Gear, Hill e Liendo (1981) referem que a necessidade que o narcísico tem em obter poder e autoridade sobre o objecto tem como objectivo, controlar o eventual efeito que o outro possa produzir nele.

Controlar o objecto é uma forma de negar a própria dependência que se tem face a ele, mas ao mesmo tempo é uma forma de satisfazer a necessidade de tal dependência, já que se pode contar com objecto controlado.

De acordo com, P. Espasa (1989) na relação narcísica o que está em causa não é somente as vicissitudes da libido retirada ao objecto e voltada ao Eu

mas também, toda a agressividade empregue pelo Eu sob a forma de possessividade e domínio do objecto, em detrimento do reconhecimento de características próprias do objecto e da autonomia que lhe é inerente.

O controle sádico do objecto, sob a forma de possessividade e domínio parece confiar ao indivíduo o sentimento de que o objecto é fiável, não perseguidor e sobretudo que não vai humilhar, evitando-se, através de uma relação controlada e obsessiva, o ressurgir da raiva narcísica.

As fantasias de humilhação estão sempre presentes nos pacientes narcísicos. A vergonha é a principal inimiga do Self grandioso, pois faz com que narcísico não se sinta aceite pelo objecto onipotente. Então uma das tarefas principais do narcísico consiste no livrar-se da vergonha.

De acordo com Kohut (1980) os indivíduos com intenso sentimento de vergonha têm necessidade de ter um controle absoluto sobre o meio arcaico pois a manutenção da sua auto-estima e a representação do Self, dependem da disponibilidade incondicional do objecto que funciona como um Self-especular-aprovador ou, do objecto do Self idealizado que permita a fusão com ele.

Para Meltzer (citado por P. Espasa, 1989) o essencial da perversão tem origem nesta dominância narcísica muito sádica. Tal como na perversão, o objecto é um "objecto-utensílio" (P. Racamier, 1986) que o próprio usa para lidar com os seus sentimentos de inferioridade. Como se de um "ódio amante" (C.

Bollas, 1997) se tratasse, o afecto está empobrecido e o investimento é efectuado apenas pelo controle.

Por outro lado, a possessividade do objecto pode permitir ao indivíduo o sentimento de unicidade que segundo Andrew Morrison (1989) constitui a preocupação principal no narcisismo. Estas personalidades desejam ter uma importância primordial para o outro, se o indivíduo não se sente como sendo a única fonte de vida e de interesse para o outro, sente que não é amado i.é; só se sente amado numa relação fusional e de controle e posse do objecto.

Há que formar com o objecto uma unidade cerrada na qual não existe mais ninguém a não ser indivíduo e o objecto admirador, a existência de um terceiro conduziria ao sentimento de ser detonado do trono que ocupa, surgindo o fantasma da competição. É o ressurgir do sentimento de se ser um "terceiro excluído" (Bleichmar, 1985), já anteriormente vivenciado no conflito edípiano.

Podemos relacionar o desejo de posse completa do objecto com uma dificuldade destes indivíduos em ultrapassar o conflito edípiano. Como refere Coimbra de Matos (1982) o indivíduo tem dificuldade em aceitar " uma certa parcialização da posse do objecto" i.é; que o objecto somente poderá pertencer em certa medida e que corresponde, segundo o autor, "ao amor pré-genital e anaclítico".

Mas, se o indivíduo não se sentiu como objecto de desejo, se apenas vivenciou os seus atributos e acções como desencadeadores de rejeição, não

possui condições para lidar com a situação triangular a qual é vivida com uma derrota narcísica.

Assim, surge a dificuldade em identificar o outro como único e diferente pois, tal como refere Kohut (1980), o simples facto de o outro ser independente ou distinto é vivenciado como uma ofensa para aqueles que têm necessidades narcísicas intensas.

Como refere H. Bleichmar (1985) quando há resistência do objecto ao controle possessivo, desencadeia-se a raiva narcísica contra o admirador que se nega a cumprir o papel que lhe foi designado. E se o narcísico fracassa, cai na apatia, no desgosto e na depressão.

No entanto, esta dor narcísica ocorre, não pela falta da pessoa amada mas sim, devido a uma ruptura da continuidade narcísica inerente á dinâmica do investimento no objecto. A dor narcísica por perda do “amor” coloca a nu a fragilidade da identificação amorosa e a dificuldade em investir, a qual testemunha a fragilidade da organização narcísica (R. Bérouti, 1986). O indivíduo apercebe-se que não se entregou completamente, que se retraiu, que não teve uma relação como desejava.

Quando o objecto sai debaixo do controle narcísico, ele passa a ser um alvo a abater uma vez que fez reavivar todos os conflitos abandonicos e expôs a ferida narcísica. O narcísico ao ser deixado vai reviver o sentimento, que já

outrora sentira, de ser menos amado e apreciado, o que desencadeia a raiva e o desejo de vingança.

O controle possessivo, de que já falamos, parece-nos exercer-se tanto pelo domínio do objecto com pela submissão a ele.

De facto, quando o objecto é vivenciado como sendo onipotente (porque resulta da projecção do Ideal do Eu), ou cruel (porque resulta da projecção de aspectos do Self não aceites), os únicos modos de lidar com ele são, ou tentando vencê-lo através de ataques sádicos de modo a destruí-lo ou então, identificando-se a ele.

Assim, encontramos também, na pratica clínica situações em que o indivíduo se liga ao objecto, fundindo-se com ele numa fantasia que corresponde á máxima: "dar é deixar de ser " como numa grande entrega, que não é mais do que uma entrega parcial em que o Eu fica preservado da relação e em que um dos lucros parece ser a desvalorização e culpabilização do outro obtendo o próprio uma auto-valorização. Colocam-se face ao objecto numa dependência parasitária, a qual confere segurança e impede o surgir da angústia.

Muitas vezes encontramos, na prática clínica, mulheres que se ligam de um modo mais masoquista ao objecto que sentem que as possui, sem contudo permitirem que o domínio seja absoluto. Necessitam sentir que também controlam a situação o que muitas vezes é representado pela ausência de orgasmo. Mulheres anorgásticas encontram, assim, um meio de sentir que têm controle na

relação, que não estão completamente dependentes do objecto, o qual passam a desvalorizar pela sua incapacidade de proporcionar prazer. Através desta conduta de desvalorização encontram um método equilibrante da auto-estima e renúncia á dependência.

Esta situação pode ser ilustrada por um sonho de uma paciente (que refere nunca ter prazer sexual com o marido) e que passamos a descrever: "Sonhei que a relação com o meu marido tinha acabado. Ele dizia-me que durante toda a nossa relação tinha tido uma outra mulher. Eu respondi-lhe: se julgas que o que me fizeste foi mau, fica sabendo que durante toda a nossa relação fingi sempre ter orgasmo, mas nunca foste capaz de mo proporcionar! Estavam muitos amigos do meu marido a assistir e diziam: Ena pá, isso que ela te fez é muito mais humilhante, fingir que tinha prazer! E tu nunca foste capaz de lhe dar prazer (...) isso é que é humilhante!".

São as personalidades narcísicas designadas de "solícitas" por Bursten (1973) tipicamente ávidas, dependentes, mas abandonicas. Parecem ser muito dependentes mas na realidade temem depender pois desconfiam de todos e procuram sempre a desvalorização do outro. É a atitude da ninfa Eco face ao amado Narciso.

São as personalidades narcísicas do tipo B, descritas por McDougall, (1982), as quais se "atrelam" a pessoas que considerem significativas, conduzindo a relações amorosas do tipo submisso, dependente, masoquista.

Adoptam uma conduta mais passiva que tem, também, como função evitar o sentimento de que se pode ser rejeitado, humilhado, pelo que o indivíduo se coloca á disposição do outro, como quem nada exige pois considera que se fizer, não será aceite.

No entanto, consideramos que, quando o indivíduo se coloca á disposição do objecto, dando a ideia de que nada exige, que se coloca á mercê do objecto, parece querer deixar no outro a sensação de que não é desejado, de que não tem grande valor para o próprio. Uma inveja encapotada que impede que o outro sinta o que o próprio tanto procura: ser desejado.

Podemos, falar de um controle sádico do objecto através de uma conduta masoquista. De acordo com Green (1993) o melhor meio de fazer o objecto prisioneiro é constituir-se a si mesmo como prisioneiro.

Nestes casos tal como refere O. Kernberg (1995 b) o que há é um esforço inconsciente no sentido de estabelecer uma unidade simbiótica com o objecto idealizado.

A pessoa que sente que não possui algo, julga consegui-lo por fusão com um objecto que possui (Bleichmar, 1983). Através de uma identificação projectiva, procuram uma reconstrução da unidade perdida com o objecto através da criação de uma complementariedade interna (Green, 1993).

Mais uma vez, a admiração pelo objecto parece muitas vezes, esconder a inveja que o indivíduo sente. O indivíduo inveja o objecto que considera possuidor de atributos que o próprio admira, mas sente que não pode competir, pela desvalorização que faz das suas próprias capacidades; sente inveja mas mascara-a com admiração (ao que parece, frequente nas relações homossexuais).

O indivíduo liga-se de modo masoquista ao objecto parecendo submeter-se a ele (porque o idealiza), pois assim consegue um controle sobre o mesmo, o qual sente que possui.

O que sobressai aqui é a valorização que o indivíduo julga obter através da sua conduta de sacrifício perante o objecto idealizado, pretendendo alcançar o estatuto de ser melhor que os outros e conseqüentemente podendo desvalorizar, o objecto, a quem acusa de não ser capaz de corresponder a tal sacrifício.

Por outro lado, é possível acusar o outro de desamor por lhe negar o próprio direito de ser, quando essa é uma exigência do próprio e que corresponde, mais uma vez, a uma projecção que o sujeito faz da sua própria rejeição e não aceitação do objecto como um ser separado e diferente do próprio.

Como se de um travestismo mental se tratasse, nestas relações narcísicas, o sujeito apodera-se do que no outro é sentido como bom e simultaneamente invejável, fantasiando um controle onipotente do objecto como refere Rosenfeld (citado por H. Bleichmar, 1985) " *o sujeito trata de fundir-se com ele (objecto)*

para assim controlá-lo onipotentemente num duplo movimento: por um lado apoderar-se dos aspectos invejados do objecto e senti-los como próprios e, por outro, situar através da identificação projectiva, tudo que causa desprazer" (op. citada, pág. 43).

Mas o objecto, ao ser fonte de projecções, embora possa permitir o alívio da angústia relativa aos aspectos indesejáveis e não aceites do próprio, conduz a que possa ser vivido como perseguidor já que contém os aspectos maus, desencadeando um funcionamento esquizóide.

O narcísico é dominado por inveja o que determina o sentimento de perseguição, pois ao atacar de modo invejoso os objectos, através do mecanismo defensivo de projecção, converte-os em objectos persecutórios invejosos. Surge assim o núcleo pseudo-fóbico do narcisismo, em que o objecto é vivenciado como um objecto a evitar porque pode ser potencialmente agressivo e principalmente porque pode envergonhar e humilhar.

Qualquer relação objectal é considerada como não fiável. Quando o indivíduo sente que é menos válido, inferior, a oferta de amor por parte do outro é vivida com desconfiança. O indivíduo não encontra nada em si que justifique o amor do outro o que conduz ao sentimento persecutório de que o objecto terá uma intensão menos digna: "Aproximou-se de mim por causa do meu dinheiro", revela-nos uma paciente.

Parece, então, que o funcionamento narcísico permite uma solução para ao dilema claustrofóbico-agarofóbico descrito por Rey (citado por J. Steiner, 1987). O narcísico receia, de um modo claustrofóbico, um envolvimento profundo com o objecto, o qual vivência como agressivo e aprisionador, porque é fonte de projecções do próprio. Assim, tem de se afastar, mas não o pode fazer completamente porque isso conduzirá á ansiedade agarofóbica pois, devido á sua incompletude narcísica, o outro é vivido como uma parte de si. O sujeito necessita afastar-se para idealizar o objecto e tem de se aproximar para regular a sua auto-estima ao tomar conhecimento do que no outro é tido como mau. Trata-se de uma lógica tranquilizadora, afasta-se para se poder aproximar.

De modo semelhante, A. Green (1980) considera que o indivíduo narcísico se encontra entre a angústia de separação face á ideia de perda do objecto, e a angústia de intrusão que corresponde ao perigo de ser invadido por ele.

O indivíduo tem receio que o seu débil Self se revele, se é permitida a intrusão do objecto. Sendo através da ilusão de um "Self-auto-suficiente" que ele se liberta do medo da proximidade do objecto.

O drama destes pacientes é que eles não querem, ou não podem aceitar a autonomia do outro nem a sua necessidade dele; porém, paradoxalmente, eles precisam do objecto para serem reconhecidos nas suas necessidades narcísicas (D. Zimmerman, 1995). É o impasse narcísico, se por um lado o reconhecimento do outro como entidade separada ameaça a onipotência do indivíduo, por outro ele depende dele para a sua existência.

Há, nestas relações, um investimento negativo da relação uma vez que o outro é investido como uma parte do próprio pelo que, perder o objecto significa perder-se a si mesmo uma vez que o objecto é a fonte de estima por si. Por outro lado o negativo de um (do próprio) é mais real do que o positivo do outro, há nestas relações uma deformação do outro no sentido em que este não é investido tendo-se em conta a sua realidade, mas sim a imagem que o outro necessita ter a respeito desse.

Com efeito, o outro deve ser parcializado, e a ligação entre o indivíduo e o objecto não pode tornar-se muito próxima pois ela poderá, no seu extremo, desencadear um síndrome confusional de indistinção completa entre o Eu e o outro; uma dissolução no outro pelo que, para evitar esse estado é melhor que se mantenha uma relação superficial. Por outro lado, o indivíduo considera que não pode deixar-se dominar pelo outro pois, isso remete para vivências de dependência anterior em que o próprio se sentiu ameaçado.

Podemos dizer que, nestas relações encontramos um conflito de ambigüidade, descrito por C. Matos (1994), como resultado da falência do processo de separação-individuação. O sujeito deseja aproximar-se ao objecto mas tem de afastar-se pois receia ficar dependente.

Nestes pacientes há uma perturbação no processo de desenvolvimento da autonomia do Self. Na fase da autonomia, não foi possível progredir porque cada

nova aquisição acarretava a vivência de perda (ainda que parcial) do objecto, pelo que a progressão não compensava a renúncia.

Vivenciaram uma relação com uma mãe intrusiva que, parecendo negar a dependência por desejar uma autonomia precoce, acabou por desencadear uma profunda dependência. Mães narcísicas que não aguentam a natural dependência do filho, fomentando um afastamento precoce que, ao ser precoce, não favoreceu o desenvolvimento de um Self autónomo; resultando numa eterna dependência.

A dependência em relação ao outro é, no entanto, temida porque na relação com o objecto principal, a mãe, o sujeito experimentou uma relação de dependência em que se sentiu esgotado na sua capacidade de satisfazer e lesado na sua necessidade de compreensão e afecto.

Daqui resulta uma assimilação entre amor e dependência, confundem a relação objectal com dependência considerando que qualquer relação objectal boa não é confiável. Se o amor é confundido com dependência, o que passam a procurar é a admiração do outro em vez do seu amor, sem perceberem que se tornam profundos adictos de admiração. Confundem amor com dependência e acabam por estabelecer relações dependentes e sem amor! Não entendem que a riqueza de uma relação não está no igual, no mesmo, mas sim na complementariedade da diferença.

São relações em que há uma fuga ao conhecimento do próprio e do outro. Há uma intenção de não conhecer o outro para evitar a humilhação que o próprio sente ao confrontar-se com as suas próprias limitações. Assim a indistinção entre o Eu e o outro, serve uma função impeditória do conhecimento.

Como refere G. Bachelard, "Só porque é pensada essa coisa é.", contrariamente, nestas relações o objecto não é , porque não é pensado como tal, como entidade separada e diferenciada do próprio; trata-se de um companheiro fantasma que serve o indivíduo sem poder dar sinais de existência independente. Acrescentaríamos que o outro é para o narcísico um "não-objecto" (P. Racamier, 1986), não digno de conhecimento nem de interesse.

Esta fuga ao conhecimento servirá para evitar a dor das verdades intoleráveis, principalmente o sentimento de necessidade do objecto. O narcísico tem receio de se aperceber que tem necessidade do outro, que necessita ligar-se profundamente pois, de um modo neurótico, prevê a rejeição.

A ideia de rejeição liga-se á de observação ou crítica. O indivíduo antecipa a rejeição do outro e recorre a processos de disfarce e de auto-ocultação, de modo a esconder os aspectos menos desejáveis do Self.

De acordo com W. Bion (citado por M. Mancia, 1990) nestes casos a simbolização vai comprometer-se, a personalidade desenvolve a onipotência, a imitação passa a substituir o crescimento mental. A imitação surge como uma tentativa de edificação da identidade, procurando-se uma identificação adesiva

ao objecto, por forma a reparar essa falha. Meltzer (1990) sustenta que a identificação projectiva e adesiva produz uma alteração imediata, mas ilusória, no sentimento de identidade.

A imitação está ligada a fantasias inconscientes de onnipotência. O narcísico imita de modo a ser. É como se houvesse uma regressão ao modelo infantil segundo o qual, desejar ser o objecto é magicamente realizado através da imitação (E. Gaddini, 1969).

Nesta linha de pensamento, poderemos referir uma certa relação entre a personalidade narcísica e as personalidades "as if" descritas por A. Deutsch (1985). Ambas se ligam aos aspectos exteriores procurando uma relação com as coisas para retirar delas apenas aquilo que lhes interessa, sustentando a identidade através da imitação, que no caso das personalidades narcísicas parece ser um modo de eliminar a competição com o outro invejável. Para E. Gaddini (1969) a imitação está ligada a fantasias inconscientes de onnipotência correspondendo a um meio mágico de ser o objecto .

Assim, estabelecem uma relação aparentemente normal com o mundo, conseguindo através de uma imitação infantil, uma adaptação aparentemente boa sem que haja, no entanto, qualquer investimento verdadeiro.

Como refere D. Zimmermann (1995) nos casos e que o Eu não se quer conhecer, ele constrói estruturas falsas, substitui a busca de K por uma omniscência e onnipotência. No entanto, A. Resende (1993) refere " (...)

sabemos com Freud e M. Klein, que a onnipotência é uma falsa solução de problemas, o desejo onipotente, narcisista, (...) não leva em conta a realidade e acaba ocasionando um pensamento mágico" (op. citada, pág. 44).

Neste sentido, poderíamos acrescentar que estes pacientes vão construindo um Self falso (Winnicott, 1985 b), em que tudo se passa como se o indivíduo se fosse envolvendo com uma capa, às custas da qual se vai desenvolvendo o Self do sujeito. A este propósito refere Winnicott (citado por Bleichmar e Bleichmar, 1992) *"Então o indivíduo desenvolve-se mais como a extensão da casca do que do núcleo, como extensão do meio atacante. O que resta do núcleo oculta-se, sendo difícil de o encontrar (...) o Self verdadeiro permanece escondido, e o que temos de enfrentar clinicamente é falso Self complexo, cuja missão se esforça em ocultar o Self verdadeiro" (op. cit. pág. 224).*

No entanto, isto poderá conduzir a uma clivagem da personalidade. Assim, haverá um Self parcial, inerte e envergonhado (verme), abafado por um Self grandioso (estrela), identificado ao Ideal do Eu, transformado num Eu Ideal.

Com o passar do tempo, o narcísico vai-se convencendo da sua posição superior e da veracidade da sua falsa realidade, como refere A. Gruen (1996), transformam *" a situação real numa trapaça irreal e a realidade num jogo" (op. citado p. 51).* Ocultam a verdade com a mentira, enganam, sem perceberem que são os próprios que perdem!

Com este Self falso vai-se vivendo, mas é uma vida pobre, sem afectos, tratando-se mais de uma adaptação. Trata-se, como refere Trechera (1996) de " uma ética do camaleão" em que a prioridade é a adaptação, o importante é conseguir estar oportunamente em cada situação.

A. Modell (1975) considera que o síndrome de falso Self descrito por Winnicott e as descrições que Kohut fez dos transtornos narcísicos da personalidade, descrevem fenómenos clínicos idênticos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, estes pacientes descrevem muitas vezes, como se estivessem presos numa bolha de plástico, afastados da realidade. E como se estivessem num casulo, o qual providencia suporte para o seu ocupante, protegendo-o do meio envolvente. Como um forte onde nada entra, e de onde nada sai.

Estes pacientes têm receio de perder a falsa identidade construída (com aspectos bons visíveis e maus escondidos), preferindo assim, sempre relações superficiais onde predomina a não aceitação mútua. O envolvimento mais profundo é sempre vivido como se estivessem a perder a falsa identidade construída, como nos referia uma paciente numa sessão: "Quando saio daqui choro sempre muito, e penso sempre que devia ter duas consultas no mesmo dia, uma a esta hora e outra mais tarde, para eu cá vir falar das mesmas coisas, mas de outra maneira, depois de eu ter pensado nelas" sic. Assim, o que esta paciente nos parece estar a dizer é que não consegue pensar quando em relação, somente fora dela. Tem medo de revelar o seu próprio Eu, necessita

afastar-se para reconstruir a sua máscara, desvalorizando o outro numa exibição onipotente de quem não necessita de ninguém para pensar. Há como que um sentimento ameaçador diante de uma relação mais íntima a qual acarreta a vivência de uma profunda impotência ou inermidade conduzindo, muitas vezes, á exibição de uma potência emprestada.

A máscara narcísica protege o Eu e alimenta a ilusão da sua independência em relação ao objecto, conferindo um sentimento de segurança e auto-suficiência Ideal.

Estas personalidades têm uma grande necessidade de evidenciar que não são necessitantes de ninguém, tentando convencer-se a si próprias que o outro não é válido nem necessário, numa incessante agressão a qualquer tipo de investimento mais profundo. A onipotência tem a necessidade de negar a existência do outro na medida em que ele é vivenciado como limitador dessa. Como refere O. Kernberg (1995 b) a desvalorização que fazem da sexualidade do outro bem como a negação da dependência impedem a possibilidade de um envolvimento pessoal, profundo e sexual.

Esse Self falso encontrado na patologia narcísica exhibe de forma maniforme atributos que não possui, procurando adornos que julga poderem ser adicionados ao Self, de modo a se sentir mais apreciado. Face esquizóide daquele que representa vários papéis sem nunca mostrar o verdadeiro Eu, " (...) *toma de empréstimo uma imagem idealizada e usa-a para se oferecer ao mundo*". (Galina Shneider, 1993).

Como refere J. Smirgel (1992) " *o fabricante do falso tem uma necessidade coercitiva, não somente de criar mas de impor a sua criação, i.é; de a fazer reconhecer pelo público*" (op. cit. pág. 124).

Há, de facto, uma grande necessidade de receber um feed-back do mundo exterior, o indivíduo está completamente dependente da admiração dos outros, dependendo dessa admiração a regulação da sua auto-estima. Tornam-se extremamente sensíveis a qualquer crítica a qual é sempre sentida como destruidora pois provoca um abaixamento da auto-estima acarretando, conseqüentemente, sintomas depressivos. Assim, passam a negar parte da realidade externa. Não se trata de uma distorção da realidade, mas sim de uma fragmentação da mesma uma vez que passam só a ter em conta aquela realidade que confirma a sua grandiosidade. A realidade só é aceite quando desempenha a função de um espelho que apresente uma valoração positiva. Toda a realidade que questione a sua identificação ao Ideal do Eu é negada e desvalorizada.

Freud (1924, 1940) havia já referido que quando o Ego está em conflito com o meio, ele resolve o conflito através da negação de uma parte da realidade.

O objectivo é a ilusão de criação de uma nova realidade que permita que o sujeito renasça com uma nova visão de si. Como um pseudo-delírio, o indivíduo julga estar a viver uma realidade diferente.

Podemos dizer que o narcisismo é um "ser aos olhos dos outros", i.é; o indivíduo tenta adequar-se ao que julga ser o desejo dos outros, pensando que assim se torna fonte de admiração. Nesta linha de pensamento J.C.Smigel, (1992) refere que o mostrar-se, o estar atento á reacção do outro, e a aquisição de um sentimento de existência é a sequência característica do exibicionismo, revelando uma dificuldade na capacidade auto - avaliativa, assegurando assim a regulação da auto-estima. Isto porque não reconhecido naturalmente pelo objecto o narcísico julga precisar de se exhibir para despertar atenção e se sentir valorizado.

O narcísico é o exemplo do *homo consumens*, imaturo, compulsivamente succionador e expectante, contudo, possuindo um eterno sentimento de vazio e frustração. Defende uma cultura de aparência e do simulacro, consumindo para seduzir, escondendo o seu Eu, para agradar.

Como sustenta O. Kernberg (1995 b) " *a admiração dos outros passa a substituir as funções normalmente protectoras e reguladoras da auto-estima e do Super-Ego, que fica enfraquecido e distorcido*" (op. cit. p. 145).

O que se verifica é uma procura constante, nestes pacientes, de reflectir o que invejam nos outros, ligando-se ao outro apenas visando o ganho narcísico e procurando esconder-se por detrás de enfeites que julgam despertar nos outros o desejo e a admiração.

Como se de um Self insuflável se tratasse que se enche de um modo megalómano com a admiração dos outros, para rapidamente se esvaziar quando algum acontecimento inflingido pela vida conduz á exposição da ferida existente.

Descrevemos aqui, um sonho de um paciente citado por G. Shneider (1993), que ilustra esta situação de exposição da ferida narcísica: " Sonhei com um touro deitado, atado pelas quatro patas e com uma expressão de angústia Humana, se debatendo e pedindo que não fizessem "isso" com ele. Do lado estava um crioulo com um facão e o faz sangrar com um golpe na carótida. O touro ainda se debatia, mas aos poucos ia-se entregando ao inevitável." (op. citado p. 466). Este sonho descreve bem a situação de angústia quando o Self grandioso se começa a desmoronar.

Quando o disfarce narcísico (Self grandioso) sofre abalos, devido á desidealização maciça, afloram ansiedades tipicamente paranóides como constituindo a última defesa para esconder o sentimento de menor valia e de dependência real.

Estas personalidades exibem o que não têm pois consideram que não é digno de exibição o que na realidade são. Em crianças não se sentiram apreciados, objecto de admiração e de desejo, o que desenbocou num sentimento de inferioridade e de redução da auto-estima, que conduziu á criação de um Ideal do Eu megalómano por oposição a um Eu diminuído e desvalorizado.

Quase como se se tratasse de uma compulsão de exhibir, isto porque o indivíduo não se sentiu aceite e aplaudido, numa fase em que a resposta do objecto era crucial para o revestimento libidinal do seu Self.

Pode-se dizer, que no narcisismo há um brilho sem luz própria, ela é procurada no exterior e existe á custa dos adornos. Julgam poder, com o brilho exterior, ofuscar os outros e impedi-los de ver o seu mundo interno e de descobrir o que julgam ser motivo para vergonha.

O narcisismo é, desta forma, o espelho mágico enganador que devolve ao indivíduo a falsa imagem de onipotência, deixando escondida a imagem de fraqueza, impotência e incapacidade (que o próprio tem de si). Como um ilusionista, o narcísico julga que ao iludir os outros pode preservar a sua ilusão: a de ser igual ao Ideal do Eu.

Contudo, ao viver na aparência, o sujeito nega-se a si próprio e ao mesmo tempo não valoriza o outro a quem mente sobre o seu próprio ser. Há um desrespeito mútuo, pelo próprio e pelo objecto. Ao viver assim, na auto-negação adoecemos da alma e do corpo .Todos os esforços para fugir ao aprofundar de si mesmo conduzem a um custo psicológico que aumenta a debilidade e a fragilidade.

O que acaba por acontecer neste desinteresse mútuo é uma falha na relação que conduz ao adormecimento do pensamento e da curiosidade, despertando a desilusão e a tristeza.

No entanto, o indivíduo tem a necessidade de suscitar a admiração dos outros porque nunca a sentiu, como refere C.Matos (1983) "(...) o processo de compensação narcísica pela grandiosidade, pela exaltação ilusória da auto-imagem é como que um prémio de consolação que o indivíduo se atribui a si mesmo pelo facto de não se ter sentido e se sentir suficientemente amado e admirado pelos seus objectos (reconhecido no seu próprio valor): resulta pois da necessidade de reparar pelos seus próprios meios o insuficiente investimento que recebeu e recebe dos outros - não amado nem admirado pelo objecto, é ele próprio a amar a sua imagem reflectida no espelho: necessariamente má porque, á partida não apreciada pelo olhar do outro (não desencadeia espanto e desejo, e que, por isso mesmo, ele procura artificialmente valorizar (retoques, exibição) para retomar a primeira finalidade, ser desejado" (op. cit. pág. 410).

O indivíduo vive na ilusão de que "ser algo" ou "ter algo" lhe permitirá alcançar a incondicionalidade do outro, a qual sentiu que nunca teve por parte do pai ou da mãe os quais fizeram depender o afecto dos atributos que o indivíduo pudesse oferecer, não sendo amado apenas pelo facto de existir.

Freud (1914) referira que uma das modalidades de escolha narcísica do objecto seria feita á imagem do que se gostaria de ser. Acrescentariamos que, a escolha é feita á imagem do que se gostaria de ser através do ter. É a posse do objecto, ou de objectos, que fornece ao narcísico um sentimento de ser o que aspira.

Kohut (1980) sustenta que o exibicionismo narcísico corresponde á expressão clínica da necessidade infantil de admiração, que se traduz num desejo excessivo de atenção e admiração, numa tendência para se apresentar como único e exclusivo.

Com efeito, considera-se que toda a exuberância manifestada pelo comportamento maniforme, serve para encobrir uma ferida narcísica. É a expressão anal de uma objectalidade que se expressa somente pela exteriorização de bens. É o carácter fálico descrito por J. Bergeret (1974) referindo a procura por parte destes pacientes, de uma segurança em aspectos exteriores ou objectos parciais que os representam.

Procuram o poder como se este lhes pudesse conferir segurança face a um objecto interiorizado sádico e onnipotente. Como se o poder lhes fornecesse ilusoriamente armas para “lutarem” contra os objectos persecutórios. De acordo com Lowen (1985) o poder é uma das faces da moeda que narcísico utiliza para compensar e proteger a sua vulnerabilidade.

Por outro lado, a procura do poder impele-os a desafios cada vez maiores de modo a encobrir o sentimento de inferioridade numa procura de uma identidade, que ainda que falsa, permite a ilusão de se ser válido e possuidor de um Eu grandioso e independente. Deste modo, só são admitidos os sentimentos que sirvam uma identidade artificial baseada unicamente no poder, o que possibilita a fuga ao medo e a protecção contra todos os sentimentos mais profundos e sensíveis.

C. Bollas (1997) considera que devido a conflitos anteriores com a mãe, o narcísico decide apropriar-se da posição dela devido á intensa frustração dessa relação, ele passa a assumir o controle de si sentindo-se triunfante por julgar ter ganho o controle e poder sobre as suas fontes de auto-estima. Como se o poder estivesse relacionado com a assunção do controle sobre a versão de si: "Quiero amar a mi criatura,..., darle forma, moldearla a um modo, a fin de amarla como un padre ama a su hijo " (Balzac). O narcisismo do próprio é algo que ele tem de cuidar. Tem de cuidar do seu narcisismo como uma mãe cuida de um filho.

Encontra-se, frequentemente, na patologia narcísica um investimento no corpo, não tolerando a imperfeição ou o envelhecimento. Como se o corpo fosse o representante do seu mundo interno, passando tudo a relacionar-se com o próprio corpo, com a sua maior ou menor capacidade atractiva, como se a perfeição física pudesse ser representante da perfeição interna. Como se o ego corporal pudesse ser um representante do ego psíquico (J. Smirgel, 1992).

Há nestes indivíduos uma separação entre o Ego corporal do Ego psíquico, sendo o corpo tratado como um objecto externo.

Têm vergonha do seu mundo interno e passam a valorizar a aparência, como nos referia um paciente : "(...) Sempre senti que os outros avançaram na vida, casaram, têm objectivos (...), decidi então olhar-me ao espelho e ver aquilo que os outros sempre admiraram em mim: o meu corpo. Apostei, então, em trabalhá-lo mais e assim, consegui sentir-me mais seguro..." sic. Trata-se de uma

preocupação com os aspectos externos como se assim fosse possível conduzir a uma modificação do interno, com o reforço da admiração dos outros.

O narcísico unicamente consegue olhar para o seu corpo, para o seu exterior, a profundidade assusta-o. Limita-se a cultivar e a contemplar os contornos do Eu.

Mas, o corpo também é origem de sentimentos de vergonha. A insatisfação com o corpo, por ser considerado não atraente, conduz a uma diminuição da auto-estima. O culto do corpo faz-se, muitas vezes, para se sentir que este é capaz de excitação, é necessário cuidar dele para que a capacidade excitatória não se desvança. Como nos referira um paciente, quando inquirido sobre como corria a sua vida sexual: "Corre bem, sou um homem que tenho cuidado: não fumo, não bebo, como poucos doces, não sou como os outros que não têm cuidado com o corpo (...)" sic. Desenvolvem, em muitos casos, condutas obsessivas par cuidar do corpo de modo a sentir o corpo ágil o que é assimilado á virilidade.

Consideramos, no entanto, que o investimento no corpo se fica a dever a uma procura incessante de amor e desejo. O narcísico preocupa-se com a beleza julgando que esta poderá suscitar o amor ilimitado.

Claro está, que o narcisismo se não se encontra no outro, na intersubjectividade, ele acaba por perder-se no próprio ou em objectos externos. Assim, o narcísico passa a considerar que a sua imagem depende da afirmação

da posse de um phallus, que faz com que recupere a confiança em si. No entanto, o pénis ou o phallus é apenas um instrumento que funciona como uma medalha de prestígio, não constitui um objecto intermediário que se destine ao preenchimento do espaço interpessoal de modo a servir de meio de comunicação amorosa.

A heterossexualidade é, nestes casos, frágil e ameaçada por núcleos homossexuais, resultantes de uma identidade mal edificada o que desencadeia muitas vezes o estabelecimento de relações sexuais sucessivas como comprovação da sua virilidade. Num "acting-out" permanente, que parece acima de tudo revelar falhas no processo de identificação.

Como refere J. Milheiro (1990), estes indivíduos "*(...) têm uma pseudo-sexualidade, fazendo dela um uso expansionista ou de retracção conforme a possibilidade íntima que os aspectos organizados da psicosexualidade e a caracterização das circunstâncias por onde circulam o permitam*" (op. cit. p. 47).

O que acontece, muitas vezes, com estas personalidades é que acabam por viver a sua sexualidade de modo exibicionista em que, de modo maníaco, se envolvem em diferentes relações as quais julgam contribuir para uma valorização viril.

De acordo com O. Kernberg (1995 b) o exibicionismo e os mecanismos de sedução frios e controlados podem (no caso das mulheres) revelar uma identificação inconsciente com uma mãe fria, narcísica e rejeitadora, pretendendo

acima de tudo um domínio e exploração do parceiro o que permite uma gratificação sexual e uma protecção contra a inveja.

Acabam por estabelecer relações em que o envolvimento afectivo é menosprezado em favor de um envolvimento que sustente o sentimento de ser desejado sendo para isso importante a sua performance sexual, a qual desenvolve um cariz mecanizado. Quase como se o prazer sexual resultasse somente da satisfação com a sua performance, conduzindo á existência de orgasmos do Eu. A satisfação é com o seu Eu, com o seu desempenho e não advém da relação.

São personagens animados pela incessante procura de relações sufocadas pela erotomania, a perseguição ou a histeria.

A necessidade de ser desejado leva a que algumas mulheres e homens se deixem envolver numa ilusão de que constituem objecto de desejo não passando, nas suas relações, de meros objectos de exibição narcísica. Sendo que, nesta modalidade relacional, o investimento no outro nem sequer é sexual, por que o outro nem sequer é vivenciado como objecto de prazer, é apenas um intermediário para a exibição sexual do próprio.

Emilce Bleichmar (1988) referindo-se a Freud, acrescenta: *"O Ideal sexual pode entrar numa incessante relação com o Ideal do Ego. Quando a satisfação narcisista tropeça com obstáculos reais, o Ideal sexual pode ser usado como satisfação substitutiva. Então ama-se, segundo uma escolha narcisista de*

objecto, (...) o que possui méritos que a pessoa não teve. Em formula paralela á anterior: ama-se o que falta ao Eu para alcançar o Ideal" (op. cit. pág. 116).

Podemos, talvez, dizer que nestas relações o outro funciona como objecto que permite a actividade masturbatória do indivíduo, uma vez que o desejo não surge pelo objecto e o prazer não advém de uma relação a dois, havendo um detrimento da relação libidinal. Como se o outro passasse a ter um papel de voyeurista, o qual obteria prazer ao admirar o indivíduo em exibição das suas aptidões sexuais.

O conhecimento erótico destes indivíduos é de tal modo, que desperta cada vez mais a atracção sobre si como constituindo um fenómeno fascinante. Trata-se de um erotismo que está em todo o lado e, ao mesmo tempo, em nenhum. Porém, a pouco e pouco, a relação é dessexualizada e o outro deverá apenas reduzir-se a admirador devoto.

Segundo O. Kernberg (1995 b) muitos pacientes narcísicos têm uma capacidade bem desenvolvida para a excitação sexual e para o orgasmo, bem como um grande espectro de tendências infantis polimorfos perversas, sem terem, no entanto, capacidade para um investimento profundo no objecto de amor.

A supremacia do agir sexual evidencia a procura de admiração pelo Self corporal e permite, nestes casos, colmatar as fantasias de impotência e o sentimento de vergonha. O agir sexual revela a necessidade do indivíduo

encontrar um objecto que possa ser sede das suas projecções pois, como refere Bion (citado por Meltzer, 1990) a forma de aliviar o sofrimento processa-se através da evacuação das partes angustiadas do Self, colocadas no outro.

Encontramos, muitas vezes, nestas personalidades a fantasia de que a ligação a um só objecto conduzirá a uma falência do desejo e do prazer sexual. Para estes pacientes a excitação sexual é sinónimo de desejo pelo objecto, o que vai despertar conflitos internos pelo que, cedo passam á desvalorização do outro conduzindo á falência do desejo aumentando as fantasias de impotência sendo imperativo passar a outro objecto. A excitação sexual está dependente de novos objectos-estimulo.

A excitação que surge face a cada nova relação vai desaparecer com a proximidade ao objecto. Como refere P. Luzes (1983) o “donjuanismo” ou instabilidade nas relações sexuais depende mais intensidade da curiosidade do que propriamente da intensidade do impulso sexual.

O que excita é a curiosidade que antevê a fusão com o Ideal do Eu, e a transformação no Eu Ideal. Quando a curiosidade desaparece, desfalece o desejo.

Surge assim, nestes pacientes, uma ideia de perda, de que tudo se esvanece com o passar do tempo, de que tudo tem um término. Isto porque sentiram, na relação mais precoce, uma perda do interesse do objecto, um sentimento de que com o passar do tempo, o interesse pela descoberta do outro

desaparece. Assim, partindo dessa premissa, optam por não se envolver, para não serem rejeitados, é a insuficiência narcísica que desemboca na retracção.

O indivíduo vai-se retirando cada vez mais do mundo das relações verdadeiras passando, em muitos dos casos, a afastar-se pois julga desse modo poder manter uma imagem idealizada frente aos outros. A aproximação ao objecto é vista como a queda da posição fictícia de superioridade com que julgam iludir os outros.

O que se aspira cada vez mais é o desapego emocional, o objectivo é não depender de nada, não haver ligação a nada, cultivando-se a negação do sentimento. A defesa contra os afectos surge (como já A. Freud, 1936, referira), de um medo de ser oprimido e submergido pela intensidade dos afectos. A partilha dos afectos é sentida como se houvesse uma intrusão do objecto.

O estabelecimento de relações sexuais com diferentes parceiros fortalece o sentimento de desapego e de ser desejado. Atitude maniforme que visa testemunhar a satisfação de viver, ainda que o objecto tenha desaparecido. Situações em que há como que paixões compulsivas que procuram, ilusoriamente, eliminar a frustração e o ressentimento do passado, através de uma gratificação sexual conseguida com um novo objecto. Trata-se de um agir a sexualidade de modo a aumentar a auto-confiança, sem o menor interesse pelos sentimentos do outro. Neste agir, o indivíduo vai sempre repetir, inconscientemente as experiências passadas, sendo a repetição realizada de forma compulsiva permitindo assim preservar os aspectos da idealização.

H. Kohut (1978) considera que o agir se relaciona com a falta precoce de respostas que confirmassem o valor do indivíduo, por parte do objecto, o que vai comprometer a coesão do Self.

Os pacientes narcísicos apenas se interessam pela conquista do objecto, pelo que durante um curto tempo mostram-se amantes solícitos e atentos; quando a conseguem tornam-se indiferentes pois criam enormes expectativas que caem por terra pois a idealização é muito primária refere-se a aspectos parciais, ou até mesmo em relação a partes do corpo do outro, algo invejável que o indivíduo julga poder apropriar-se ao possuir o objecto. Trata-se de um processo extractivo em que o indivíduo julga que ao ligar-se ao outro lhe pode extrair algo que inveja.

Inicialmente, são relações fogosas ofuscadas pelo brilho exterior que objecto apresenta, mas que rapidamente caem na desilusão porque não foi possível um conhecimento do conteúdo interno do outro, nem uma revelação do próprio, e porque a comparação com o Ideal do Eu resultou num falhanço, e o amor genuíno não constitui uma realidade.

Não há nada mais humilhante que o sentimento de impotência que afirma que o Eu não é capaz de ser o que deveria ser, e quando o Eu se decepciona frente ao Ideal do Eu, que passa a ser o seu objecto; o Eu Ideal perde o seu frágil equilíbrio.

Há então que partir para uma nova relação, reafirmar as capacidades e dotes de D. Juan, de modo a repor a auto-estima perdida e a impedir a queda no vazio e na depressão. A perda do objecto é vivenciada com culpabilização, á qual o narcísico necessita fugir para não cair na depressão.

Quando uma relação se detiora, facilmente se encontra outro parceiro demonstrando uma incapacidade egóica para superar a debilitação narcísica, adoptando uma conduta de estabelecimento de muitos - e - nenhuns vínculos, amainando o sentimento de necessidade e de dor da perda.

C. Matos (1984) sustenta que o agir reflecte a fraqueza do Eu, a impulsividade é resultado de um Super-Eu organizado de modo incipiente, resultado de um sofrimento pré-edipiano, em que o indivíduo experienciou a acção de um objecto predominantemente narcísico e sádico.

Cada nova relação trás a promessa atraente de poder converter o sujeito num Eu Ideal. Trata-se de um desejo metonímico (Bleichmar, 1983), o qual se desloca incessantemente de um objecto para outro revelando que o que se deseja não é a pessoa em si, mas um Eu Ideal. Revelam um funcionamento baseado no princípio do prazer, em que há uma procura, por parte do `Eu, de que todas as tensões sejam reduzidas a um mínimo. É o funcionamento primário que não permite o adiar da experiência de satisfação "não deixar para amanhã o prazer que se pode obter hoje".

Procuram satisfação imediata e sem esforço, como por efeito de uma varinha mágica. Assim, a vida fantasmática substitui a vida real, com a aparente vantagem que as insuficiências do sujeito, a sua incapacidade de fazer face aos problemas, são compensadas por fantasias de poder (L. Corman, 1977).

Passa-se de imediato a uma nova relação sem pensar no que levou ao fracasso da anterior, havendo uma repetição que impede o crescimento afectivo.

Cria-se assim, um ciclo repetitivo:

ILUSÃO → DESILUSÃO → NOVA ILUSÃO

É o "circulo vicioso narcísico" descrito por Svrakic (1985) (citado por Trechera, 1996) que engloba os seguintes passos: Projecção do Eu grandioso em objectos externos ou identificação com objectos valiosos, projecção dos fracassos narcísicos, cansaço em relação á fonte de gratificação o que leva á desvalorização e desprezo pelo objecto, conduzindo ao aborrecimento e ao sentimento de vazio, pelo que é imperativo a procura de um novo objecto.

Nestas relações ocorre uma defesa pela sexualização que impede a queda na depressão. O narcísico parece assim, livrar-se facilmente das desilusões das perdas, tudo o que causa injúria é facilmente extraditado para fora de si, colocado num outro.

Estes falhanços na relação, este sentimento que surge de que o outro não preenche, é apenas uma repetição do que indivíduo vivenciou na infância, o sentimento que a mãe/pai não o preencheram, porque não o amaram incondicionalmente, não corresponderam á sua necessidade de amor, conduzindo á criação de um sistema defensivo liderado pelo sentimento de que o melhor é não necessitar do amor do outro porque o resultado será o sofrimento. O melhor é não haver uma entrega, até mesmo porque, diz-se, “quem dá o que tem... a pedir vem!”, e a necessidade do outro é para o narcísico insuportável.

Há uma inibição da expressão dos afectos e das emoções pois o narcísico considera que ao expressá-los se torna mais vulnerável. Inibe-se a expressão dos desejos por forma a defender-se contra qualquer dano.

Assim, o narcísico faz do outro, na relação, como sentiu que, precocemente na relação com os pais, lhe fizeram. Utiliza-o como mero objecto de exibição narcísica. A relação forma-se sem intensidade, sem intimidade, uma vez que não há verdadeiro respeito. A comunicação é distorcida e a expressão de sentimentos verdadeiros fica impedida entrando-se num circuito relacional em que, tal como na psicose, se considera que o outro tem capacidade para adivinhar os sentimentos e os pensamentos do próprio. A relação segue cada vez mais um caminho que toca a Patologia Borderline, caracterizadas, essencialmente, pelo vínculo -L (menos L), de Bion, relações carentes da presença de amor genuíno.

Nestas relações o objecto tem, constantemente, de confirmar a sua admiração e desejo, pois o indivíduo não teve possibilidade de aprender, com o objecto inicial, a reconhecer o olhar de desejo e satisfação.

Segundo C. Bollas (1997) nas relações narcísicas o outro, funciona como um fragmento segregado pelo Self do próprio, o vínculo só se nutre da relação inconsciente do próprio consigo mesmo enquanto objecto. Consideramos, contudo, que não se trata da relação do próprio consigo mesmo mas sim, com um pseudo-Eu idealizado.

O que se passa é que, tal como refere O. Kerneberg (1995 a), estes indivíduos se amam tão precariamente a si como amam precariamente os outros, o outro apenas serve de intermediário para a auto-valorização. Esta ideia parece-nos poder ficar bem ilustrada com os versos de Eugénio de Andrade no seu poema Adeus:

Meto as mãos nas algibeiras e não encontro nada
Antigamente tínhamos tanto para dar um ao outro;
era como se todas as coisas fossem minhas
Quanto mais te dava mais tinha para te dar.

Como verificamos, tudo o que se faz ao outro é com intenção que retorne ao próprio; como refere C. Matos (1979) "*(...) o indivíduo (...) vive (...) dos juros do capital investido - é uma espécie de amor próprio no sentido de o fazer render e*

aumentar, mas que resulta num logro pois que o capital investido numa relação não produtiva se desvaloriza".

Não se trata, nestas relações, de dar, mas somente de tentar receber. O indivíduo apenas se apaixona pelo sentimento que o outro nutre por si, esperando do outro o que nunca oferecem. A escolha do objecto não é feita pelos atributos que ele possui mas sim, pelo facto de amar o próprio, tal como Freud havia referido na sua obra de 1914, quando da referência á eleição narcísica da mulher "não necessitam amar, senão ser amadas" (Mancia,1990).

A relação com o outro é para o narcísico uma espécie de seguro de vida, por um lado, a relação impede a queda no vazio e na solidão, tão receados por estes indivíduos. O sentimento de solidão surge pois o objecto não foi interiorizado, não está vivo dentro do indivíduo, trata-se da interiorização de uma "mãe morta" (A. Green, 1993), como tal, não é facilmente evocável; o que determina que o sujeito vive apenas com os objectos reais, assim, quando estes desaparecem é como se a vida tivesse um fim.

Como já referimos, anteriormente, o outro é um objecto transicional e como tal, ajuda o indivíduo a lidar com a realidade e a prosseguir. São os objectos actuais, que ao funcionarem como transicionais, ajudam o indivíduo a lidar com a separação, inicialmente mal conseguida, em relação ao objecto primigénio a qual foi vivenciada como morte. Investido narcisicamente, só se poderá sentir perdido, incompleto e morto face á separação do objecto. Para lidar com este sentimento de inexistência, de quem só, não se sente completo, vive da falta e do vazio;

surge o estabelecer de relações que complementem, que por serem idealizadas carregam a promessa da excitação de viver.

No amor activo, tenta-se dar amor e prazer ao outro, para poder também receber amor e afeição. Contudo, no narcisismo esta função encontra-se perturbada, narcísico não dá pois não acredita ser capaz de poder receber, porque não acredita nas suas capacidades e porque, do mesmo modo, desvaloriza o outro, olhando para ele á sua imagem. Assim, o objecto é investido de modo insuficiente e, por isso mesmo, é insuficientemente satisfatório.

A incapacidade de dar está afectada pois o narcísico não sentiu que lhe deram, numa altura em que não podia dar mais nada em troca a não ser o seu existir. Na fase do amor primário (de Balint), o narcísico não recebeu pois, a sua mãe não encontrou nada em troca para que ela própria pudesse dar.

Já Winnicott (1985 a) havia referido que é necessário que bebé se possa ver primeiro no olhar da mãe, reconhecer-se no outro para o reconhecer em seguida. É necessário que indivíduo possa olhar-se para olhar os outros, é necessário que se auto-valorize, para valorizar os outros. Em suma, é necessário que se tenha sentido amado para poder amar os outros. O Erro de Narciso foi o considerar que teria que amar um outro, para poder amar a si mesmo (Dessuant, 1992). Como refere C. Matos (1997) o ciclo consiste em:

Ser amado → Amar-se a si mesmo → Amar o objecto.

O erro está em pensar que pode recuperar a sua idealidade através da idealização do outro.

A ideia, subjacente a este trabalho, é a de que narcísico não ama o outro porque anda á procura de se amar a si próprio, porque não o foi precocemente, procurando através do outro um equilíbrio da sua auto-estima. No entanto, a auto-estima do narcísico nunca é correctamente abastecida, ela é insuflada com aspectos exteriores e superficiais que se esbatem com o tempo e impedem a formação de uma estrutura coesa. A verdadeira auto-estima apoia-se nas verdadeiras qualidades que se possui. Contudo, a inflação do Eu faz com que o narcísico se atribua qualidades e façanhas sem fundamento real.

Jacobson (citado por Tyson e Tyson, 1985) considera que as flutuações do sentimento de auto-estima são proporcionais ao grau de convergência ou divergência entre as representações que sujeito tem de si e o conceito de Ideal do Eu. Quanto mais o indivíduo sente como doloroso o afastamento entre o Eu e o seu Ideal, mais é tentado a utilizar a criação para completar o que é vivênciado como uma falha.

De modo idêntico C. Smirgel (1992) sustenta que quanto mais profunda for a ferida resultante da inadequação entre as aspirações narcísicas e a representação do Eu, maior é a necessidade de activar meios para que seja possível o preenchimento dessa lacuna. Quando o Eu se vê distante do Ideal do Eu surgem as angústias narcísicas (A. Green, 1993).

O que se passa é que a auto-estima diminui quando há uma confrontação com o Ideal do Eu porque ocorre uma desidealização do próprio. Assim, parece que no narcisismo o indivíduo se encontra a investir o Ideal do Eu, não se ligando nem ao Eu nem ao objecto, mas sim ao objecto idealizado, o qual admira e do qual sente que é dono.

Já M. Klein (citado por M. Mancia, 1990) havia referido que nos estados narcísicos acontecia um retraimento das relações externas em favor de uma identificação com o objecto interno idealizado.

Segundo J. O. Fagundes (1993) este objecto ao qual o indivíduo se liga é um “objecto fantasma” que o indivíduo utiliza para lidar com os outros. Assim, a ligação ao outro não é real, não há um investimento verdadeiro nos outros pois toda a relação é mediatizada por este “objecto fantasma”.

Este objecto idealizado é sempre um objecto da posse do indivíduo ajudando-o a defender-se contra as suas limitações, frustrações e angústias. O indivíduo agarra-se ao objecto idealizado porque julga assim conseguir onipotência e poder, sustentando a ideia de que não é necessitante de ninguém.

É como se estes indivíduos vivessem com um personagem fictício às suas costas. Podemos dizer, paradoxalmente, que se ligam ao objecto pelo despreendimento, pelo abandono, em que não se entra na profundidade do próprio

nem na do objecto, e em que de modo maníaco se processa uma ligação ao acessório. Como refere A. Jeaneau (1991) estabelecem "*(...) uma relação tal com as coisas, tal como são, para retirar delas aquilo que oferecem (...)*" (op.cit. p. 37)

São pessoas que vivem enamoradas de um Ideal do Eu dotado de inatingível perfeição, que os impede de se ligarem ao objecto e de se aceitarem a si próprios com as suas naturais limitações. Diríamos mesmo, que o narcisismo não é amor próprio mas sim uma paixão pelo objecto interno idealizado. Karen Horney (citado por L. Corman, 1977) refere que "*o narcisismo é uma expressão, não do amor do Eu, mas sim da alienação do Eu*" (op. cit. p. 48).

De facto, estes indivíduos vão-se afastando cada vez mais do seu Eu, impedindo-os de um auto-conhecimento e conseqüentemente de um interesse pelo outro, apenas se permitindo a reagir aos condicionalismos exteriores de forma a sentir-se apreciado.

Assim, o narcísico não investe no outro porque continua a investir no objecto interno de identificação, o Ideal do Eu. Daí a sua condição depressiva.

Pode-se dizer que no narcisismo estamos perante um Super-Eu sádico, sem a menor consideração pela pessoa em si e que pune severamente qualquer falha no trajecto de identificação ao Ideal do Eu. Daqui resulta a insatisfação constante do narcísico pois o êxito que possa obter nunca atinge nível das suas expectativas altamente exigentes e fantasiosas.

O estabelecimento de relações amorosas em que o investimento no objecto é narcísico torna possível lidar com o sentimento de culpa, uma vez que este é projectado no seu "duplo" (G. Rosolato, 1975).

O. Kernberg (1995 b) considera que nos casos de narcisismo em que há um certo funcionamento do Super-Eu, pode haver uma projecção dos sentimentos de culpa no parceiro desencadeando a desconfiança paranóide em relação ao outro.

Como temos vindo a analisar, o Ideal do Eu está sempre presente seja quando a ligação ao outro se faz pela projecção deste Ideal no outro, em que o indivíduo julga atingir a sua plenitude nessa ligação por fantasiar uma transfusão narcísica do outro (idealizado) para si (desvalorizado); seja porque a ligação a um objecto se faz pela projecção nesse dos aspectos maus do indivíduo podendo haver uma identificação ao Ideal do Eu.

Consideramos, contudo, que em todas as relações amorosas ocorre uma projecção do Ideal do Eu de ambos os parceiros. A idealização da pessoa amada corresponde á projecção dos aspectos do Ideal do Eu do próprio, um Ideal, que segundo O. Kernberg (1995 b) representa a realização sublimatória dos desejos edípicos. Podemos, no entanto, fazer uma distinção entre um Ideal do Eu maduro, que corresponde á introjecção progressiva do poder dos pais, por um processo de evolução que exige tempo e esforço de um outro Ideal, este mágico, que permite ultrapassar o processo evolutivo e a maturação de modo a alcançar o poder. Este último corresponde ao Ideal do Eu megalomaniaco, infantil não

corrigido pelo Super-Eu. Como refere A. Dias (1980) "*O Ideal do Eu só se torna realizável no contexto do real, quando integrado na força e na lei da imagem paternal*" (op. cit. pág. 204).

Assim, nas relações em que o investimento no objecto é de cariz narcísico, o outro tem um "prazo de validade" limitado, só é válido enquanto serve para o próprio se sentir identificado ao Ideal do Eu, o qual é arcaico, imaturo e apenas contém aspectos primários e superficiais. Podemos, assim, equacionar que a representação que o indivíduo faz de si está para o Ideal do Eu tal como um verme para uma estrela.

PARTE IV

DE VERME A ESTRELA: ANÁLISE DE UM CASO



O paciente a quem chamo A., é um jovem de 22 anos que vem á consulta procurando ajuda para as suas dificuldades na relação com as mulheres, revelando tal angustia e ansiedade que o impede de travar conhecimento com qualquer mulher.

É o segundo filho de uma fratria de três, sendo a sua irmã, onze meses mais velha, a qual é descrita por A., como uma mulher “dominadora e embirante” sic., face a quem sente que sempre perdeu; deslocando para ela grande parte da raiva que sente em relação ás mulheres. Tem também um irmão, sete anos mais novo, que A. considera ter sido sempre mais valorizado pelos pais. De acordo com este paciente, os pais realçam atributos no irmão, que ele diz também possuir, mas aos quais os pais nunca prestaram atenção, revelando aqui a inveja e o sentimento de inferioridade de quem diz “ ter ficado sempre á parte” sic.

A relação com a sua mãe raramente é referida, oscilando entre uma ausência e um comentário breve e descorado ás suas capacidades de compreensão. Segundo A. a relação com o pai é distante havendo uma aproximação apenas quando este se dedica ao comentário sobre “as mulheres boazonas” sic.

A. refere várias vezes um breve relacionamento amoroso que teve. O único, com uma colega do liceu, aos catorze anos. Sustenta que este foi um episódio marcante e traumático na medida em que a rapariga rejeitava o beijo de

A., passando este a ser motivo de chacota por parte dos colegas. Refere também que nesta altura contou aos pais que tinha um namoro, o que estes desvalorizaram e segundo A. “até brincaram com a situação” sic. Esta referência parece evidenciar que A. tomou agora consciência de quão pouco os seus pais o investiram como rapaz, revelando uma falha de narcização da imagem sexuada.

Actualmente A. encontra-se a terminar um curso técnico-profissional, pois desistiu do liceu, (“as notas não eram grande coisa”sic), no entanto considera que não consegue terminar o curso pois terá que repetir um projecto que não concluiu este ano, o que o levará a ter de assistir a aulas de um ano anterior o que lhe confere um sentimento de vergonha, o ter que demonstrar aos outros a sua incapacidade, confrontando-se com a capacidade dos outros que conseguiram avançar, preferindo então desistir. Parece haver uma generalização depressiva em que toma a parte pelo todo e ao considerar-se ridículo no seu desempenho com as mulheres, generaliza a todo o seu desempenho e desiste! É a sua condição depressiva que o leva ao não investimento e conseqüentemente á desistência. Quase como se, com um tracejado mais borderline, A. se estatelasse na raiva e aí permanecesse, desvalido, desistindo do seu objectivo.

A. apresenta-se nas consultas com um aspecto cuidado e muito perfumado. Esforça-se por apresentar um ar descontraído, mas denota-se uma grande insegurança, uma rigidez nos seus movimentos, um não á-vontade consigo, com o seu corpo.

Quando chega á consulta retira o seu relógio para o colocar sobre a secretária de modo a estar bem visível ou então, acciona o despertador para a hora a que deve terminar a consulta, de modo a ter um domínio obsessivo sobre a situação para que não seja eu a dar por terminada a consulta o que lhe conferiria, por certo, um sentimento de estar a ser mandado embora, rejeitado.

Estabelece comigo uma relação desconfiada permanecendo num dilema claustro-agarofóbico em que por um lado procura uma aproximação porque deseja conhecer-se, com a minha ajuda; mas foge porque receia que eu, tal como as outras mulheres, possa humilhar e desprezar, evidenciando a sua angústia narcísica.

A. sustenta que as mulheres gostam dele se o virem “não como homem”sic, imagem clivada que revela a impossibilidade de integração de uma parte a ser amada e outra a ser desejada. Imagem clivada essa que é projectada em mim passando eu a ser vista apenas como objecto parcial, sexual, que se prepara para ele, deixando de ser alguém que está ali para o compreender, mas sim como uma prostituta que, tal como as outras mulheres, o mantém em consulta porque quer algo em troca. Sou eu, então, objecto parcial onde descarrega as suas angústias e a quem conta as suas experiências masturbatórias, na fantasia infantil mas perversa de que poderá assim suscitar em mim desejo e excitação, procurando aliviar-se dos seus sintomas mas sem ligar ás minhas interpretações.

Possui uma imagem unificada mulher = prostituta, as quais “gostam que os homens lhes ofereçam anéis, as levem a jantar e as conduzam a casa de carro”sic. Por um lado esta ideação permite um alívio para A. na medida em que desloca o seu sentimento de inferioridade e incapacidade passando a justificar o seu afastamento em relação ás mulheres pelo facto de não possuir dinheiro que permita a satisfação dos desejos destas.

Há uma permanente clivagem entre interior e exterior, diz ser sua vida comandada pelos astros e as mulheres são apreciadas pelas roupas que vestem, por serem ou não jeitosas, loiras ou morenas, revelando um desprezo pelo seu interior que não será mais do que a projecção da desvalorização que faz em relação ao seu mundo interno. É a negação da realidade interna que representa o colorido maníaco, que se embriaga com o brilho exterior e se satisfaz com o superficial.

Tudo se passa, na relação comigo, como se A. vivenciasse com estranheza a incondicionalidade da relação terapêutica, que desperta o sentimento persecutório de que está a ser observado e de que eu possa descobrir nele algo que motive a vergonha; revelando que gostaria que em consulta eu lhe indicasse o que ele deveria ir pôr em prática com as mulheres para depois me vir contar sobre o seu desempenho, desejando repetir comigo uma relação funcional e perversa, provavelmente a que mais experimentou. O que para A. seria mais fácil uma vez que evitava expor-se e partilhar comigo o que julga ser vergonhoso e que o corrói lentamente. Passa então a desvalorizar a

minha atitude de disponibilidade e compreensão, considerando que este seria motivado por uma curiosidade patológica envolvida por uma segunda intenção.

O sentimento de ser observado deixa A. “nervoso e a tremer...”sic. O olhar do outro é vivenciado com a estranheza de quem nunca nele viu reflectido interesse e desejo.

Há um constante recurso á sexualização das relações, refere várias vezes que considera que a solução para o seu problema passa por ele ser capaz de ter uma relação sexual com uma mulher, passando as sessões a “despejar” os seus “encontros” casuais com as mulheres que viajam consigo na mesma carruagem de comboio. Mulheres essas que , segundo A., se interessam por ele, o que corresponde a um projecção do seu desejo. Refere que essas mulheres esperam que A. vá ter com elas e encete uma relação o que faz com que A. se previna comprando preservativos (por projecção de fantasias paranóides vividas com as mulheres), os quais leva para o emprego e deixa no seu cacifo fantasiando que os colegas tomam conhecimento disso, fantasiando admiração por parte desses. Contudo, A. partilha comigo o desgosto por não conseguir dirigir palavra a essas mulheres porque fantasia que elas descobririam nele a sua impotência, passando a inverter a situação fantasiando ser ele quem despreza pois refere que essas mulheres estarão á sua espera no dia seguinte, á mesma hora no mesmo comboio, o que conduz a que A. vá no combóio seguinte julgando assim despertar nessas mulheres sentimentos de rejeição e abandono que o próprio possui, num ataque implícito ao narcisismo do outro, como se assim pudesse aliviar a sua dor aumentando a sua auto-estima, ao mesmo tempo que rejeita o

outro; identificando-se, agora, com o objecto vexatório e discipiente. Desejo intenso de passar do passivo ao activo e se vingar, para anular a ferida a qualquer custo.

A. julga poder através do afastamento manter nas mulheres uma imagem idealizada de si por projecção do seu Ideal do Eu megalómano mas frágil. Revela assim, a sua insuficiência narcísica defendendo-se pela retracção vergonhosa.

Considera que as mulheres têm dele uma imagem de quem é possuidor de várias parceiras e detentor de enorme virilidade assim, não se pode aproximar porque a verdade apareceria e o Eu Ideal desembocaria num precipício de humilhação e desvalorização. A. procura, deste modo, uma identificação projectiva com essa imagem idealizada o que é mais fácil do que enfrentar a dor das verdades intoleráveis.

No entanto, A. anseia tremendamente uma relação onde predomine o afecto embora considere que vá fazer depender toda a sua vida dessa relação de tal modo que, se ela acabar, “tudo vai por água abaixo” sic, terá de desistir e tudo pois esse será o motor da sua vida. Aqui encontramos a sua carência de afecto e por outro lado o conflito de ambitendência em que por um lado deseja a aproximação ao objecto, mas foge pois receia ficar dependente. Há também uma enorme confusão entre a relação objectal e uma relação de dependência.

A inibição sexual por medo de ser ridicularizado pelas mulheres fica a dever-se á projecção do seu ódio inconsciente face ás mesmas. Contudo, este

receio do objecto compreende-se atendendo á imagem que A. construiu acerca das mulheres, sem valor interno, capazes de infidelidade “estão com os namorados mas interessam-se por mim...”sic. Se por um lado esta ideação satisfaz a sua enorme necessidade de ser desejado, por outro revela toda a agressividade dirigida ás mulheres, as quais são capazes de envergonhar e humilhar, capazes de o atingir na sua ferida narcísica, o que desencadeia em A. uma raiva narcísica que está bem patente também quando este refere que ao ver filmes de violações de mulheres se sente culpado por ser homem, parecendo corresponder a um desejo profundo de agir a sua agressividade, como meio de fazer justiça.

A sua agressividade para comigo revela -se, também, quando após faltar a uma sessão, A. aparece satisfeito dizendo ter chegado a algumas conclusões, pois com a ajuda de uns “livros velhinhos e baratíssimos” sic que comprara quase a colecção toda, conseguiu perceber muitas coisas que se passaram consigo. Numa mostra de sua inveja e competitividade, tenta desvalorizar-me enquanto alguém que o pode ajudar referindo implicitamente o não ser necessitante de ninguém, defendendo-se com a intenção de evitar a dependência, podendo eu ser substituída por uns velhos livros que o ajudam a pensar, passando então a objecto voyerista que apenas espreita para uma parte da sua vida." (...) vinha eu todo satisfeito para lhe mostrar o que consegui (...)" sic. Necessita “coisificar-me” de modo a que eu não passe a objecto ameaçador.

A determinada altura A. interroga-se sobre se este seu “medo” das mulheres é sinal de homossexualidade. Este receio de que as mulheres possam

envergonhá-lo determina que A. recorra ao imaginário homossexual para colmatar a humilhação que sente face á ideia de que com as mulheres o relacionamento corre mal. No seu sentimento, os homens serão menos perigosos porque não vão exigir provas. Por outro lado, procura ajuda nos homens para perceber as mulheres, procura identificar-se e solidificar a sua imagem enquanto homem que parece estar rodeada por um mar de incertezas quanto ás suas capacidades sexuais, o que o leva a masturbar-se frente ao espelho para se aperceber das suas potencialidades e conseguir uma identificação com a imagem de potência reflectida.

A. coloca-se numa posição infantil, procurando aprender com os homens as perícias sexuais: no emprego espera que o colega descubra, por ele, a avaria de cada rádio, para que ele o possa reparar; vai á discoteca e apenas consegue permanecer lá quando está embriagado, mascarando com o álcool a vergonha que sente e ofuscando o sentimento de incapacidade, permitindo-se, assim, a permanecer e observar os outros a conquistarem as mulheres para que possa aprender. Postura infantil de quem considera não perceber nada de sexualidade, optando muitas vezes por comportamentos infantis como seja o brincar com carrinhos, denotando-se a desvalorização que faz de si enquanto homem.

A desvalorização que A. faz da sua imagem sexuada conduz a que se afaste da relação com os homens e principalmente das mulheres, centrando o seu sentimento de incapacidade na posse de um pénis pequeno incapaz de satisfazer qualquer mulher.

Apercebe-se que a imagem de menor valia que tem a seu respeito corresponde a uma identificação imagoico-imagética, não valorizado, não se valoriza; não viu interesse, não se acha interessante. Interrogando-se: “ Se eu sempre fui bonzinho e não despertei interesse, então para o despertar tenho de ser perfeito?!” sic.

Passa então, a ser governado por um Super-Eu sádico (filho do instinto de morte, diria Freud) que não tolera qualquer falha na tentativa de identificação ao Ideal do Eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O narcisismo é a procura de amor pela via errada, tem a função de manter a auto-estima num nível de modo a possibilitar a progressão da vida.

Se o indivíduo sente que perdeu o amor do objecto, como o amor é o alimento da auto-estima, necessariamente, sentir-se-á murcho, desanimado... infeliz. Um meio de impedir a queda na depressão (de fugir dela) é investir na representação de si próprio (do seu Self). No narcisismo, chamemos-lhe depressão de inferioridade, procura-se uma substituição da representação do self que é desfalecida, feita de imperfeição, por uma outra, gloriosa e espectacular.

Considera-se a existência de um narcisismo primário, positivo, verdadeiro, nascido na relação mãe-filho, na intersubjectividade, imagem oferecida pelo outro significativo com a qual o bebé se identifica, na qual se vê e revê; por oposição a um narcisismo secundário, negativo, falso, que visa a obtenção de uma imagem de si válida e bela, nunca conseguida na relação com o objecto primígeno, este, então, patológico alimentando-se do externo e do supérfluo, insuflando a auto-estima com aspectos fúteis e que facilmente se esvanecem, não possibilitando a formação de uma estrutura coesa.

Há a procura de ligação a um objecto como meio de recuperar o amor e o colorido da auto-estima contudo, não amado não sabe amar, como tal não investe o outro para receber dele amor mas utiliza-o como objecto que possibilita o melhoramento da sua auto-estima. Estabelecem uma (pseudo) relação (pseudo) amorosa, uma vez que não investido, não investe, não valorizado, só

sabe desvalorizar. E, se o objecto é precariamente investido, ele será precariamente satisfatório, o que determina uma insatisfação na relação e a consequente necessidade de procurar uma outra que traga a esperança de possibilitar a fusão ao Ideal do Eu (objecto arcaico idealizado) e a consequente transformação no Eu Ideal (imagem narcísica do Self grandioso infantil). Poderemos encarar este estabelecimento sucessivo de relações como uma não desistência, um impedimento da queda na depressão, traço maníaco de quem revela uma incapacidade egóica para lidar com a debilitação narcísica. Neste agir da sexualidade o indivíduo procura uma valorização da auto-imagem e um aumento da auto-estima no sentido de se sentir viril, independente e desejado. Investe no outro apenas de modo parcial, apenas os aspectos que conduzem a uma valoração do Self do próprio. Assim, o narcísico deforma o outro, não o vê como objecto real mas como sede de projecção do seu Ideal do Eu. Relaciona-se com as partes do objecto das quais julga poder apoderar-se do brilho que inveja. No entanto, o narcísico sabe que existe o outro lado do objecto, o lado menos bom, mas esconde-o, joga com as duas faces do objecto convenientemente, de modo a regular a sua auto-estima, dentro de uma lógica tranquilizadora, afastando-se do objecto para se poder aproximar; porque no afastamento idealiza, logo culpa-se e aproxima-se, mas quando muito próximo o objecto pode ser vivido como rejeitante, persecutório pois ameaça destruir a máscara do indivíduo e descobrir seu Self enfraquecido e débil. Assim, na depressão de inferioridade, na depressão narcísica, o objecto não possui uma continuidade ambivalente como na neurose, nem é clivado como na psicose ou na patologia borderline, ele tem as duas faces, das quais o indivíduo oculta uma, alternadamente.

O narcísico encara o objecto como um complemento do seu Self, um objecto transformacional que oferece a promessa a um Self nas trevas, estabelecendo com ele uma relação fusional, na qual parece haver uma ilusão de continuidade entre Self e objecto. Assim, quando perde o objecto o narcísico sente-se enfraquecido, como se perdesse uma parte de si, contrário ao psicótico, cuja perda acarreta um sentimento de fragmentação.

Na tentativa de obter o amor do outro o narcísico adopta uma posição de captante da admiração, conduta mais masoquista em que se coloca á disposição dos desejos dos outros apenas para se sentir apreciado e desejado. Molda-se ao gosto do outro, esquece-se de si , esconde o seu verdadeiro Eu por detrás de substitutos do Self que julga poderem magicamente iludir o objecto e despertar o amor incondicional que nunca conheceu. Permitindo-se, assim, passar, ilusoriamente, de verme a estrela.

Bibliografia

- Abraham, K. (1923). Contributions to the theory of the anal character. Int. J. Psycho-Anal. vol. IV, nº 4. p.400 - 418.
- Alexander, F. (1975). Remarks about the relation of inferiority feelings to guilt feelings. Int. J. Psycho-Anal., nº56. p. 41 - 50.
- Amaral Dias, C. (1980). A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano. Dissertação de Douturamento. Coimbra. p. 203 - 205.
- Andreoli, A. (1989). Le Moi et son object narcissique. Rev. Franç. Psychanal. nº1. p. 150-194.
- Anzieu, D. (1986) La scene de menage. Nouvelle Revue de Psychanalyse, 33: 201-207.
- Araújo, V. (1990). Narcisismo - As contribuições básicas de Kohut para a reflexão clínica. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol XXIV, nº4. p.461-468.
- Balint, M. (1949). Early developmental States of Ego. Primary object love. Int. J. Psycho-Anal. 30 (4). p. 265 - 273.
- Balint, M.(1968).The basic fault: therapeutic aspects of regression. London : Tavistock.
- Baranger, W. et al (1980) Aprotações al concepto de objeto en psicoanálisis. Buenos Aires: Amorrortu Editores.321p.

- Begoin, J. (1991) Le narcissisme: beauté ou horreur de la croissance psychique. Revue Française de Psychanalyse, 55, . p. 121 - 129.
- Bergeret, J. (1974). La personnalité normale et pathologique. Paris: Bordas. 325 p.
- Bérouti, R. (1986). Douleur Narcissique et Douleur du Narcissisme L'Amour... dans « la princesse de Clèves». Rev. Franç. Psychanal. 2. p. 749 - 773.
- Bleichmar, E. (1988). O feminismo espontâneo da histeria. Trad. de Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas. 206 p.
- Bleichmar, H. (1983) Depressão: um estudo psicanalítico. Trad. de Maria C. Tschiedel, 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 129 p.
- Bleichmar, H. (1985). O Narcisismo - estudo da enunciação e a gramática do inconsciente. Trad. de Emilia Diehl e Paulo Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas. 133 p.
- Bleichmar, N.; Bleichmar, C. (1992) A psicanálise depois de Freud. Trad. Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas. 453 p.
- Bollas, C. (1978). The Transformational object. Int. J. Psycho-Anal. 60, p. 97 - 107.

- Bollas, C. (1997). La sombra del objeto. Psicoanálisis de lo sabido no pensado. Trad. José Luis Etchverry. Buenos Aires: Amorrortu. (obra original publicada em 1991). 347 p.
- Bursten, B. (1973). Some narcissistic Personality Types. International Journal of Psychoanalysis, 54,p. 287-300.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1992). O Ideal do Ego. Trad. Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas. 218 p.
- Corman, L. (1977) Narcisismo e frustración de amor. Trad. Luisa Medrano. Barcelona: Editorial Herder. (obra original publicada em 1975). 212 p.
- Cortês, E. (1990). Narcisismo e relação de objecto. Os trabalhos de H. Kohut e a investigação das relações de objecto. Rev. Portuguesa de Psicanálise. p. 31 - 43.
- Corvo, R. (1993). Mecanismos de "auto-inveja" em estruturas narcisistas. Rev. Bras. Psicanálise. Vol. XXVII. nº 3.
- Dessuant, P. (1992) O narcisismo. Trad. de Ricardo Luiz Saliby. Rio de Janeiro: Imago. 103 p.
- Deutsch, H. (1985). Les personnalités «comme si». In Le Narcissisme. L'amour de soi. (p. 237 - 253). Sand Editions.Tchou.
- Eisnitz, J. (1969). Narcissistic Object Choice, Self Representation. Int. J. Psychoanalysis. 50, 15. p. 16-25.

- Engel, J. (1995). A teoria Kleiniana sobre o Narcisismo: Um estudo comparativo com Freud. Rev. Bras. Psicanálise. Vol. XXIX, nº 4. p. 843 - 858.
- Espasa, P. (1989). La perte de l'object: la relation d'object de la reconnaissance. Rev. Française de Psychanalyse.
- Fagundes, A. (1993). Ilusão de fusão e narcisismo. Revista Brasileira de Psicanálise vol. XXVII, nº 3, p. 423-430.
- Fialho, O. (1984). Sobre o Narcisismo: Uma introdução (1914). In Giovacchini, P. (Eds), Roteiro á leitura de Freud (p. 113 -130). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Francisco, B. (1993). Narcisismo: Um Ideal Regulador Interno. Rev. Bras. Psicanálise. Vol. XXVII, nº 3. p. 389 - 403.
- Freeman, T (1964) Some aspects of pathological narcissism. Journal of American Psychoanalytic Association, 12, p. 540-561.
- Friedman, J.A. (1988). The idea of narcissism in Freud's psychoanalysis. International Review of Psycho-analysis, 15, p. 499-514.
- Gadini, E. (1969). On imitation. Int. J. Psycho.Anal. 50. p. 475 - 484.
- Gonçalves, M.; Fornelos, M. (1989). Da imitação á identificação. Génese das perturbações do desenvolvimento do Eu. Revista Portuguesa de Psicanálise. p.37-45.

Gruen, A. (1996). A Traição do Eu. Lisboa: Assírio e Alvim. 186 p.

Guillem, P.; Loren, J.; Orzco, E. (1991). Le narcissism dans le processus de structuration et destructuration psychiques. Rev. Fran. de Psychanal. p.39-99.

Green, A. (1980). La angustia y el narcisismo. Rev. de la Ass. Psicanalitica de Buenos Aires. Vol II. nº 1. p. 653 - 691.

Green, A. (1993) Narcisismo de vida, narcisismo de muerte. trad. de José Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores. 262 p. (obra original publicada em 1983).

Grumberger, B. (1975). Le narcissisme. Paris: Payot.

Hartmann, H. (1939). Ego Psychology and the problem of adaptation. N. Y: Int. Univ. Press, 1958.

Hinshelwood, R. D. (1992). Dicionário do Pensamento Kleiniano. Porto Alegre: Artes Médicas.

Jeanneau, A. (1991) Os riscos de uma época ou o narcisismo do exterior. In Bergeret, J.; Reid, W. (1991) (Eds.) Narcisismo e Estados Limite (p.31 - 42). Lisboa: Escher.

Kernberg, O. (1967). Borderline personality organization. J. American Psycho-Ass. 15. p. 641 - 685.

- Kernberg, O. (1979). Les troubles limites de la personnalité. Toulouse: Privat Editor.
- Kernberg, O. (1985). Narcissisme et organizations limites. In Le Narcissisme . L`amour de soi. (p. 291 - 299). Editions Sand. Paris: Tchou.
- Kernberg, O. (1995 a). Agressão nos transtornos de personalidade e nas preversões. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. (1995 b). Psicopatologia das relações amorosas. Trad. de Maria Veronese. PortoAlegre: Artes Médicas. p. 191.
- Kohut, H. (1966). Forms and transformations of narcissism. J. American Psychoanalytic Ass., 14, p. 243 - 272.
- Kohut, h.; Wolf, E. (1978).The disorders of the Self and their treatment: An outline. Int. J. Psychoanalysis, 59, p. 413 - 425.
- Kohut, H. (1980). Reflexiones sobre el narcisismo y la Fúria Narcisista. Revista de Psicoanálisis da Ass. Psicoanalítica Argentina. V. XXXVII, nº 3. p. 433-465.
- Kohut, H. (1988). A Psicologia do Self e a cultura humana. Trad. José Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1985) Vida e Morte em Psicanálise. Trad. de Cleonice P. Mourão e Consuelo Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas. 143 p.
- Laplanche, J; Pontalis, J. (1970) Vocabulário da Psicanálise. Lisboa: Moraes Editores.

- Lebovici, S. (1965). A propos de la lecture des textes freudiens sur le narcissisme. Rev. Franç. Psychanal. Vol, XXIV, nº 5-6. p. 470 - 483.
- Luzes, P. Da emoção ao pensamento. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1983, 749 p.
- Lowen, A. (1985). Narcissism Denial of the true Self. N. Y: Macmillan Publishing Company.
- Mancia, M. (1990) No olhar de Narciso. Trad. de Fátima Lory. Lisboa: Escher. 234 p.
- Matos, A Coimbra de. (1979 a) "Depressão, depressividade e depressibilidade Lisboa: Revista Portuguesa de Psicanálise. (separata), 1, Fev. 1985, pp. 41-47.
- Matos, A Coimbra de (1979 b) "Conflito de ambitendência". Lisboa : Notícias Médicas, Fev. 1982, 10 p.
- Matos, A Coimbra de. (1979 c). Sobre a Depressão. Jornal O médico. nº 97. p. 363 - 370.
- Matos, A Coimbra de "A propósito da defesa maníaca" Lisboa: Jornal do Médico, (separata)CX (1995), Setembro 1982. 4p.
- Matos, A Coimbra de. "Deflexão da agressividade". Lisboa: Jornal o Médico (separata), CVII, 1975, 831-839, Março 1982. 19 p.

Matos, A Coimbra de "Agressividade e Depressão". Lisboa: Jornal do Médico, (separata) CXI, 393-401, Fevereiro 1983, 14p.

Matos, A Coimbra de.(1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo. Análise Psicológica, 4(III). p. 409 - 424.

Matos, A Coimbra de. (1994). Estados limite: Etiopatogenia, Patologia e tratamento. Rev. Portuguesa de Pedopsiquiatria. nº 6. p. 7 - 24.

Matos, A Coimbra de. "Depressão, narcisismo e psicanálise". Lisboa: Jornal do Médico (separata), CX, 1998, 173-185. Out. 1982. 24 p.

Matos, A Coimbra de. (1997) Narcisismo e Depressão. Revista Portuguesa de Psicanálise, nº 16 Setembro. p. 19 - 25.

Meltzer, D. (1990). O conflicto estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento. Rev. Portuguesa de Psicanálise. p. 5 - 31.

Milheiro, J. (1990). Maria Narcisa ou a erotização do Narcisismo. Rev. Portuguesa de Psicanálise. p. 43 - 53.

Modell, A. (1975). A Narcissistic Defence Against Affects and the Illusion of Self-Sufficiency. Int. J. Psycho-Anal. nº 56. p. 275 - 282.

- Morales, M; Arce, H. (1984). Desarrollo del concepto de narcisismo en la obra de Freud. Rev. Psicoanal. Ass. Psican. Argentina, vol. XLI, nº 2/3. p. 509 - 519.
- Morrison, P. A. (1989). Shame, The underside of Narcisism. A.P. The Analytic Press: London. p. 121-129.
- Murray, J. M. (1964). Narcissism and the ego ideal. Journal of the American Psychoanalytic Association, 12: 477-511.
- Pashe, F. (1964) L'antinarcissisme. Revue Française de Psychanalyse, 29, 1965: 503-518.
- Pulver, S. (1970) Narcissism: The term and the concept. Journal of the American Psychoanalytic Association, 18, p. 319-341.
- Racamier, Paul, C. (1986). Entre agonie Psychique, Déni psychotique et Perversion Narcissique. Rev. Francaise de Psychanalyse, vol. V. p. 1290-1309.
- Reich, A. (1960). Pathologic forms of self-esteem regulation. Int. Univ. Press. New York. p. 215 - 235.
- Renard, M. (1965). Le narcissisme primaire dans la theorie des instincts. Rev. Franç. Psychanal. nº 5 - 6. p. 495 - 501.
- Resende, A. (1993). Bion e o futuro da Psicanálise. Campinas, S. P: Papyrus.
- Rosenfeld, H. (1963). le Surmoi et L'Idéal du Moi. Rev. Franç. Psychanal. Vol. XXVII. p. 543 - 553.

- Rosenfeld, H. (1991). Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In Spillius, E. (Eds.), Melanie Klein Hoje (p. 243 - 257). Rio de Janeiro: Imago.
- Rosolato, G.(1975). L´ Axe Narcissique des Dépressions. Novelle Revue de Psychanalyse. 11. p.5 - 33.
- Sandler, J.; Holder, A.; Meers, D. (1990). O Ideal do Ego e o Self Ideal. In Sandler, J. (Ed.). Da segurança ao Superego. Cap. VI. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Santos, J. (1984). Neurose da angústia. In Luzes, P. (Eds), Cem Anos de Psicanálise. (p. 249 - 260). Lisboa: Ispa, 1997.
- Schneider, G. (1993). Notas sobre o narcisismo. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol.XXVII, nº3. p.453-468.
- Segal, H. (1975). Introdução á obra de Melanie Klein. Trad. de Julio Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora. 139 p. (obra original publicada em 1973).
- Seiden, M. H. (1989). The Narcissistic counterpart. Psychoanalytic Review, Vol. LXVI, nº1.
- Sohn, L. (1985). Organização narcísica, identificação projectiva e a formação do identificado. Int. J. Psycho-Anal. 66. p. 201 - 213.
- Sopena, M. Elena R. (1991). Du narcissisme infantile á L´Ideal du Moi. Rev. franç. Psychanal. nº1, p. 197 - 200.

- Spitz, R. (1965). The evolution of dialogue. In Drives, affects, behavior, Vol 2. N. Y: Int. Univ. Press. p. 170 - 190.
- Steiner, J. (1987). O Interjogo entre as organizações patológicas e as posições esquizo-paranoide e depressiva. Int. J. Psycho-Anal. 68. p. 69 - 80.
- Stolorow e Lackmann (1983). Definição funcional do narcisismo. In Psicanálise das Paradas do Desenvolvimento: teoria e tratamento. (p. 21-51). Rio de Janeiro: Imago.
- Svrakic, D. (1986). The real self of narcissistic personalities: A clinical Approach. American Journal of Psychoanalysis, 46: 219-230.
- Trechera, J. (1996). Que és el Narcisismo? Bilbao: Desclée de Brouwer, S.A. 221 p.
- Tyson, F.; Tyson, R. (1985). Narcissisme et developpement du Surmoi. Psychiatrie de l'enfant, XXVIII, 2, p. 301 - 323.
- Tyson, F.; Tyson, R. (1993). Teorias Psicanalíticas do Desenvolvimento: Uma integração. Trad. de Maria Adriana Varonesi. Porto Alegre: Artes Médicas. 267 p. (obra original publicada em 1990).
- Vieira, Claudia. M. (1993) O Narcisismo: Um conceito estrutural ou uma entidade clínica?. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol.XXVII, nº3. p. 469 - 479.

- Walter, J.; Sandler, J.(1990). Sobre os distúrbios do narcisismo. In Sandler, J. (Ed.). Da segurança ao Superego. Cap. XII. Porto Alegre: Artes Médicas.
- White, M. (1977). Self relations, Object relations, and pathological narcissism. Psychoanalytic Review. April 30.
- Winnicott, D. (1953). Transicional objects and transicional phenomena. A study of the first not. M. Possesion. Int. J. Psycho-Anal. 34, 2. p. 89 - 97.
- Winnicott, D. (1985 a). Le visage de la mère en tant que miroir. In Le Narcissism. L`amour de soi. (p. 287 - 301). Paris: Editions Sand. Tchou.
- Winnicott, D. (1985 b) «Vrai Soi» et « faux Soi». In Le Narcissism. L`amour de soi. (p. 287 - 301). Paris: Editions Sand. Tchou.
- Zimerman, D.E. (1995). Bion: da teoria á prática. Porto Alegre: Artes Médicas.